



## Uma carreira de psicanalista atípica e contrária às normas:

O caso Kattrin Kemper. <sup>1</sup>

Hans Füchtner

(Tradução de Jehovanira Chrysóstomo de Sousa)

Quando Anna Kattrin Kemper faleceu, no dia 27 de junho de 1978 no Rio de Janeiro, ela foi homenageada como “a grande dama da psicanálise”. Já lhe tinham sido atribuídas importantes honrarias nos seus últimos anos de vida, como o título de “carioca honorária” concedido pelo jornal *O Globo* em 1976, o epíteto de “a analista das analistas” e “Catarina, a Grande”, com o qual artigos de jornal a reverenciaram. Depois de sua morte, foi batizada, inclusive, uma rua no Rio de Janeiro com o seu nome. Na Alemanha somente aqueles que têm conhecimento da História da psicanálise alemã sabem, no máximo, que ela era a esposa do psicanalista Dr. Werner Kemper. Foi nessa condição que ela veio em 1948, junto com ele e os filhos, de Berlim para o Rio de Janeiro, onde Werner Kemper deveria fundar uma sociedade psicanalítica filiada à Internacional (IPA).

Uma psicanalista alemã, que teve ocasião de conhecer mais tarde Kattrin Kemper em uma de suas raras visitas à Alemanha, caracterizou-a, literalmente traduzido, como “uma ave de plumas coloridas de grande vivacidade e vitalidade”.<sup>2</sup> Evidentemente tal caracterização contrasta com a de “grande dama da psicanálise”, que sugere mais uma figura sóbria. Mas se hoje em dia se fizesse uma pesquisa de opinião entre colegas que a conheceram, ela revelaria com certeza como as estimativas sobre sua pessoa são muito diferentes. Ainda hoje se dividem as opiniões a seu respeito. Torna-se cada vez mais claro que ela não foi vista somente como “o monstro sagrado da psicanálise” (Sabino, 1973), mas também como

---

<sup>1</sup> Sou muito agradecido à ajuda valiosa de várias pessoas nas minhas pesquisas para este ensaio. Principalmente às famílias de Jochen e Mathias Kemper, que colocaram generosamente à minha disposição documentos do espólio de seus pais. Igualmente a Ludger Hermanns e a DPV e, mais uma vez, a Nádia Maria Sério. Assim como ao Dr. Alfred Köhler, particularmente quanto às minhas pesquisas sobre Werner Kemper.

<sup>2</sup> Prof. Dr. Annemarie Dührssen, em carta de 16.03.1998 ao autor.

“talvez a mais criticada entre todos os psicanalistas...” (Novaes, 1978). E não somente por essa razão, o estudo de sua biografia se revela difícil. Não é possível se esclarecer completamente os seus dados biográficos mais importantes. Não apenas no que se refere à sua formação e qualificação profissional de psicanalista e analista didata. A dificuldade já começa no que diz respeito ao seu próprio nome.

## De Anna Maria para Anna Kattrin. Os primeiros anos

Segundo sua certidão de nascimento e sua certidão de batismo, Kattrin Kemper nasceu em 14 de dezembro de 1905 e foi batizada com o nome de Anna Maria van Wickeren. Os prenomes Anna e Maria correspondem aos de suas respectivas tias e madrinhas de batismo, Anna van Wickeren e Maria van Wickeren. Na sua certidão de casamento de 1934 consta somente o prenome Anna. Uma segunda via de sua certidão de nascimento, datada de 1954, indica igualmente somente o prenome Anna e não mais Maria. No documento da identidade “ariana” de Werner Kemper, que era exigido na Alemanha sob o regime nazista na metade da década de trinta do século passado, consta o nome de sua esposa como “Anna Maria, dita Kattrin” (escrito com dois “t”). Num comunicado oficial de 1938 da Associação de Grafólogos Científicos endereçado a ela, já consta diferentemente Kathrin A. Kemper (Kattrin escrito com “th”). Existem vários documentos seus datados de depois da Segunda Guerra Mundial, nos quais consta apenas Kattrin como prenome. A grafia nem sempre é a mesma. Às vezes com um, às vezes com dois t ou com th. Por exemplo, num atestado policial de bons antecedentes datado de 1946 consta o prenome Kathrin com th, mas falta Anna. E num mesmo passaporte de 1953 constam as duas formas de grafia: Anna Kattrin Kemper tem um t riscado. A alteração é confirmada oficialmente numa outra página do passaporte. E sua assinatura está escrita conforme Katrin com um t. No seu currículo ela assina com dois t. E a seqüência dos prenomes varia igualmente. Às vezes, ela assina Katrin A. Kemper e às vezes somente Katrin Kemper. Nas suas publicações brasileiras ela usa o nome de Kattrin A. Kemper. Na vida privada ela era Kattrin (com dois “t”) para o marido. Por que e quando ela mudou o seu nome para Kattrin, não é claro.<sup>3</sup>

O jogo que Anna Kattrin Kemper fez com o seu nome parece ser uma característica de sua maneira de ser. No correr dos anos, ela ficou conhecida no Brasil como alguém que não se prendia muito às regras e pelo seu jeito rebelde, nem sempre sem razão. Os dados biográficos de seu currículo, mesmo alguns de seus documentos, indicam desacertos e faltas e nesse sentido devem ser avaliados cuidadosamente.

Em dois de seus currículos, datados respectivamente dos anos 1946 e 1948, assim como no “questionário de desnazificação” que ela teve de responder e preencher como todo alemão depois do fim da Segunda

---

<sup>3</sup> Talvez a escolha tenha a ver com o fato que sua avó materna que ela gostava particularmente se chamava Anna Maria Catharina Wilhemine Broksiek.

Guerra Mundial, ela indica que nasceu em 14 de dezembro de 1905 em Brücherhof (Vestfália) como filha do mineiro Heinrich van Wickeren, falecido em 1917, razão porque não teria podido prosseguir os seus estudos.<sup>4</sup> Curiosamente, ela não indica nenhuma vez sua mãe, Helene van Wickeren, nascida Broksiek, nos seus currículos. Nem ser a última filha de uma série de quatro filhos do casal, uma indicação curricular usual até hoje na Alemanha.<sup>5</sup> Como filha de uma pobre viúva de mineiro e, sem dúvida, uma criança talentosa, foi-lhe certamente difícil o acesso à educação superior. No currículo de 1946, ela indica que pulou de ano inclusive duas vezes na escola primária, mas que não conseguiu concluir regularmente o ensino básico escolar na Alemanha (oito anos). No currículo de 1948, ela explica não ter podido freqüentar regularmente os seus dois últimos anos escolares. A sua freqüência teria sido limitada ou como “visitante” ou para “supervisionar” classes menos adiantadas. Isso explicaria porque ela não teria certificado de conclusão do primeiro grau. Aos dezesseis anos, teria deixado a casa dos pais e ido morar em Munique com a família abastada de uma prima. Lá teria recebido então aulas particulares durante dois anos. Em seguida, foi interna quatro anos num educandário feminino em Bad Altheide (Silésia). Lá fez, nos dois últimos anos, um estágio em economia doméstica e agricultura, que concluiu com um certificado com distinção. Em 1927, teria recebido a oferta de uma bolsa da Câmara de Agricultura de Breslau para estudar Agronomia numa Escola Superior, que não aceitou. Faltavam-lhe os meios de sustento. Kattrin Kemper foi então viver e trabalhar em Berlim como empregada doméstica e na educação de crianças. Lá trabalhou ainda como ajudante de uma senhora ourives e num escritório.

No “questionário de desnazificação”, Kattrin Kemper dá indicações precisas sobre as suas atividades em Berlim, a partir de 1930: 1930-1931 trabalhou como “Haustochter”, o equivalente hoje em dia a uma “fille au pair”; 1931-1932, num escritório; 1932-1933, como babá.<sup>6</sup> De 1933 até o seu casamento em 1934, como auxiliar no consultório médico do Dr. Werner Kemper, com o qual se casou.

Segundo um parecer do psicólogo e psicoterapeuta Wolfgang Hochheimer, Kattrin Kemper já revelava desde cedo “uma versatilidade espiritual

---

<sup>4</sup> O sobrenome indica uma provável origem holandesa da família, mas tanto seus pais como seus avós já eram radicados na Zona do Ruhr, na Alemanha.

<sup>5</sup> Essa indicação consta no necrológio escrito por seu ex-analisando e colega, Edson Lannes. (Lannes, 1978). Esta informação é provavelmente correta, embora outras não. Como, por exemplo, a de que Dona Catarina teria ficado órfã de pai na idade de quatorze anos, quando seu pai teria morrido num acidente na mina na qual trabalhava. Ou que ela se teria casado com 27 anos. Inclusive o psicoterapeuta W. Hochheimer indica num laudo sobre A.K.K que ela teria perdido o pai aos dez anos. Mas se seu pai faleceu de fato em 1917, conforme documentos comprobatórios, ela devia ter então entre onze e doze anos de idade.

Aliás, ela teria amado muito o seu pai, enquanto a relação com sua mãe e irmãos não deve ter sido boa. (entrevista com Mathias Kemper, 24.01.06).

<sup>6</sup> Todos os alemães adultos eram obrigados na época a preencher o tal “questionário de desnazificação”. Que Dona Catarina respondeu de forma tão detalhada as questões a respeito dos seus empregos tem provavelmente a ver com o fato de seus ex-empregadores terem sido judeus (Katzenellenbogen, Rothschild).

literária e interesses artísticos”.<sup>7</sup> Teria aprendido a tocar piano e demonstrava particular talento para as artes plásticas. Hochheimer menciona, inclusive, que o seu talento artístico era tão evidente que os escultores Georg Kolbe e Renée Sintenis sugeriram que ela seguisse uma formação nessa direção. Supostamente ela teria cultivado esse talento e interesse no Brasil anos mais tarde.<sup>8</sup>

## **Formação Grafológica e Formação de Família, os primeiros anos pós-guerra em Berlim**

Provavelmente em razão dessa sua natureza, Katrin Kemper ambicionava mais do que as atividades limitadas a uma dona de casa e mãe. Em 1936, iniciou uma formação de “grafóloga científica”. E independentemente do que a tenha motivado a tal escolha profissional, esta tinha certamente a grande vantagem de não fazer exigência de diploma escolar para sua admissão, além de que o seu aprendizado era relativamente curto. Note-se que naquela época a cientificidade dessa formação extra-universitária era com certeza menos duvidosa do que hoje em dia. Em abril de 1938, Katrin Kemper é aprovada no exame final e admitida como membro da Associação dos Grafólogos Científicos de Berlim. Ela indica no seu currículo que “a partir de 1938 inicia o seu consultório de grafologia, dá cursos e aulas particulares”. Deduz-se que o tempo que pôde dedicar de fato a essas atividades deve ter sido limitado, porque teve logo três filhos em curtos intervalos.

Em 1938, nasceu o seu primeiro filho, Jochen Christian. Em 1940, o seu segundo filho, Christian Mathias e em 1943, Mathias Andreas. Note-se, respectivamente, o segundo prenome do primeiro filho coube como primeiro prenome do segundo filho e o segundo prenome do segundo filho coube como primeiro prenome do terceiro filho. Essa repetição dos prenomes dos filhos e a razão que motivou o casal Kemper a dar o mesmo prenome a dois filhos não é clara. Os três filhos foram batizados na Igreja Protestante Luterana. Katrin Kemper era católica, mas abandonara já cedo a igreja.

A escolha dos padrinhos dos três filhos é digna de nota. O padrinho do primeiro filho foi Müller-Braunschweig, que era o analista didata do Dr. Werner Kemper. Do segundo, foi o psicanalista Schultz-Hencke, colega e amigo de Kemper.<sup>9</sup> Do terceiro, cujo batismo foi realizado cinco anos depois de seu nascimento, a psicoterapeuta junguiana Elisabeth Lambert,<sup>10</sup> com quem Katrin Kemper fez terapia a partir de 1941, durante mais de um ano. Essa mistura de vida privada e profissional, psicoterapia e

---

<sup>7</sup> Num parecer datado de 29.04.1948, Hochheimer avalia a aptidão de A.K.K. para a formação de psicoterapeuta no Instituto de Psicoterapia de Berlim.

<sup>8</sup> Mas os Kempers nem em Berlim nem no Rio de Janeiro chegaram a possuir piano. (entrevista com Mathias Kemper, 24.01.2006)

Segundo Mathias Kemper (entrevista em 24.01.2006).

<sup>9</sup> Na ficha de Schultz-Hencke do arquivo do „Instituto Göring“ de Berlim consta a indicação que ele “não tinha religião”.

<sup>10</sup> A assinatura na certidão de nascimento e batismo não é completamente legível.

psicanálise, como existia nos primórdios da História da psicanálise, ainda iriam ter um papel muito importante, anos depois, na biografia de Katrin Kemper.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Katrin Kemper tentou retornar rapidamente à vida profissional. Em novembro de 1945, registrou-se na “Divisão de Ensino Público do Distrito Administrativo de Berlim-Charlottenburg” primeiramente como “trabalhadora qualificada auxiliar de psicólogo e grafóloga científica”. E alguns dias depois, registrou-se também na “Divisão de Comércio e Indústria da Administração do Distrito Berlim-Charlottenburg”, desta vez com uma ligeira modificação na indicação de seu título. Indicou desta vez “assistente técnica no setor de psicologia e grafóloga”. Com esses dois títulos, ela se registrou como “profissional autônoma” no Departamento de Mão-de-Obra e na Delegacia de Polícia de sua Divisão Administrativa. Note-se que ambas as designações em alemão “psychologische Facharbeiterin” (trabalhadora qualificada auxiliar de psicólogo e grafóloga científica) e “psychologische Fachbearbeiterin” (assistente técnica no setor de psicologia) não correspondem aos termos usuais da categoria reconhecidos oficialmente no seu tempo. Existiam designações como, por exemplo, “Behandelnder Psychologe” (psicólogo prático) e “Beratender Psychologe” (psicólogo orientador).<sup>11</sup> É de supor que as designações com que Katrin Kemper se fez registrar como profissional naquela ocasião na Alemanha foram formuladas por ela mesma.<sup>12</sup> Provavelmente ajudaram para o seu reconhecimento os atestados que o marido, Werner Kemper, na qualidade de Diretor do Instituto de Psicoterapia de Berlim e o psicanalista Johannes Heinrich Schultz, seu amigo, lhe deram.

O atestado de Kemper de agosto de 1945 certifica que ela trabalhava desde 1941 como grafóloga na Policlínica do Instituto de Pesquisa Psicológica e de Psicoterapia de Berlim (dito “Instituto Göring”). Inicialmente como “colaboradora autônoma” e a partir de 1944 como “colaboradora fixa” do mesmo.<sup>13</sup> Conforme esse atestado, ela fazia exames grafológicos dos pacientes da Policlínica para avaliar a adequação dos mesmos ao tratamento psicoterápico e também dos candidatos à formação de psicoterapeutas no setor de formação do Instituto para avaliar a aptidão dos mesmos.<sup>14</sup> Na época, ela colaborava no novo Instituto de Psicoterapia que substituíra depois da guerra o “Instituto Göring”. O atestado de

---

<sup>11</sup> „Behandelnder Psychologe“ (psicólogo prático) era o título dado a psicanalistas de nível acadêmico não formados em medicina. O título podia ser concedido excepcionalmente também a psicólogas que não possuíam nível acadêmico. Ele foi introduzido em 1938 e reconhecido em 1940. (Vide Ludwig-Körner, 1998, pg. 178).

<sup>12</sup> A imprecisão das suas designações profissionais em alemão na época proporcionou da mesma forma o registro na tradução para o português no Brasil de tais dados inexatos. “Psychologische Facharbeiterin” virou “especialista em psicologia” e “psychologische Fachbearbeiterin” virou “psicóloga profissional”. Esta última designação tornou-se de muita utilidade para Katrin Kemper no Brasil. Principalmente quando ela requereu para si o reconhecimento do título de psicóloga no início dos anos 60. Vide mais abaixo.

<sup>13</sup> Atestado datado de 13.08.1945 assinado pelo Dr. Werner Kemper na qualidade de Diretor da Policlínica do Instituto.

<sup>14</sup> Uma afirmação sem dúvida curiosa, pois significaria que Katrin Kemper exercia na época uma função muito influente no Instituto.

Schultz, datado de novembro de 1945, afirma que ela trabalhava há anos como grafóloga para ele e seu círculo de pacientes e reconhece como “absolutamente científico o seu trabalho de grafóloga, baseado em bons conhecimentos psicológicos e suficientemente crítico, como é necessário”.

Nos primeiros anos depois da Segunda Guerra Mundial, Kattrin Kemper procurou logo aperfeiçoar a sua formação e retomar a sua atividade de grafóloga. A partir de 1945, ela começa a lecionar vários cursos de Grafologia na dita “Universidade Popular de Berlim” (“Volkshochschule”), instituições de ensino para adultos, subvencionadas por prefeituras, que oferecem cursos livres que não exigem exame de admissão. E, surpreendentemente, em janeiro de 1946 ela conseguiu matricular-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim. Esse novo dado foi incluído logo no seu currículo de novembro desse ano como “admissão ao ensino superior”. No currículo de 1948 ela acrescenta ainda a essa indicação a precisão entre aspas: de “Psicologia”. Como ela não possuía um grau de instrução escolar que permitisse a sua admissão formal numa universidade, não é claro como ela pôde ter conseguido um tal certificado de admissão à universidade. Não é muito provável que ela tenha iniciado esse estudo de fato. E, mais tarde, ela não menciona mais isso.<sup>15</sup>

No final de 1946 Kattrin Kemper prossegue a sua carreira como grafóloga. É então nomeada “Assistente da Comissão Examinadora de Grafologia” e em junho de 1947 recebe a “habilitação técnica para formar novos grafólogos”. Ela leciona Grafologia na dita Universidade Popular de Berlim (Volkshochschule) e principalmente no Instituto de Psicoterapia (semestre de inverno 1947/48 e semestre de verão 1948). Seus seminários eram anunciados no programa com os títulos “Exercícios grafológicos” ou ainda mais precisamente “Exercícios grafológicos na escrita de pacientes com avaliação clínica”. Para o semestre de inverno de 1948/49 ela anunciou ainda os seguintes seminários com os títulos pomposos: “Estruturas de neurose na escrita” e “Grafologia orientada na psicologia profunda”. Não é claro se ela pensou mesmo em realizá-los. Naquela altura, ela já sabia da possibilidade de mudar-se com a família para o Brasil e assim escapar da miséria do Pós-Guerra na Alemanha. Werner Kemper já havia recebido esta oferta desde 1946.<sup>16</sup> Em suas memórias, ele conta (Kemper, 1973) que teria tomado sua decisão definitiva em agosto de 1948, em Londres, após uma conversa com Ernest Jones, presidente da IPA, que o teria recomendado aos brasileiros. Porém há indícios de que os Kempers já sabiam o que queriam bem antes disso. Pois ambos requereram passaporte no final de maio.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> No „questionário de desnazificação” „ela indica como profissão “grafóloga científica” e “estudante de Filosofia”. É provável que ela tenha feito ainda uso mais tarde do “certificado de admissão à universidade” (Vide abaixo). Além disso, é possível que ela tenha recebido o certificado com base em informações não comprováveis. Era normal na época muitos documentos serem dados como “irremediavelmente perdidos” em consequência de bombardeios.

<sup>16</sup> O psiquiatra brasileiro Arruda Câmara, que fez as tentativas de conseguir um analista didata para o Brasil do estrangeiro, narra em carta a Leo Bartemeier de 05.01.1950.

<sup>17</sup> Jochen Kemper acha que a obrigatória “desnazificação” da época teria sido o motivo porque a viagem se realizou somente dois anos depois do convite. (Entrevista de 10.01.1995)

Poucos dias antes de Kattrin Kemper deixar Berlim, Schultz-Henke, o colega do marido, amigo da família e padrinho de um filho seu, deu-lhe um atestado, na qualidade de chefe do “Zentralinstitut für Psychogene Erkrankungen” (Instituto Central de Doenças Psicogênicas), reconhecendo sua “qualificação para realizar análises”.<sup>18</sup> De acordo com esse atestado, ela se encontrava então no quinto semestre da “formação completa de psicanalista”. E “estava fazendo as suas primeiras análises de controle com grande compreensão e interesse, assim que já podia atuar profissionalmente”. Esta afirmação de Schultz-Henke é mais do que generosa. É comprovadamente falsa, como se poderá constatar na seqüência. Esse atestado foi dado evidentemente com o fim de ajudar os planos profissionais futuros de Kattrin Kemper no Brasil. De fato, ela iniciara uma análise em 1943 em Berlim com a psicanalista Margarete Seiff. Mas se essa análise foi ou não parte de uma “formação completa de psicanalista” no seu quinto semestre, tentaremos esclarecer na seqüência da apresentação de sua formação profissional completa e da controvérsia no Brasil em torno de sua qualificação.

## **Mudança para o Rio de Janeiro, início como psicanalista e primeiros conflitos**

Kattrin Kemper chegou ao Brasil com a família em 9 de dezembro de 1948. E duas semanas depois, requereu o direito de permanência no país. No requerimento, indicou como sua profissão “psicologista e grafologista”, mas na rubrica “qual profissão ela tencionava exercer no Brasil”, indicou “doméstica”. Independentemente do fato dos Kempers terem trazido uma babá alemã para os filhos, essa resposta era plausível na situação ainda completamente imprevisível para ela, na qual podia contar seguramente apenas com uma autorização inicial de três anos. Além disso, ela simplificava assim o procedimento burocrático. Mas, de fato, Kattrin Kemper perseguiu imediatamente e obstinadamente o seu objetivo de poder trabalhar como psicanalista no Brasil.

De acordo com um comprovante de trabalho, ela começou a trabalhar no Rio de Janeiro a partir de setembro de 1951 num Centro de Educação de Crianças e Jovens. Mas esse comprovante contém dados contraditórios. Na rubrica “profissão” está escrito “auxiliar de secretária”. Na rubrica “atividade” está escrito “psicóloga e grafóloga”. Nesse Centro, ela era incumbida de realizar nas crianças os seguintes exames: pesquisa de estrutura de personalidade; anamnese geral e específica; estudo dos desvios de personalidade. Era-lhe permitido realizar em casa esses exames. O contrato era limitado a dois anos, mas previa que poderia ser prolongado. Na época, a diretora do Centro, Noemy Rudolfer, fazia análise didata com Dr. Werner Kemper. Ela fazia parte de seu primeiro grupo de analisandos. Muitos anos mais tarde, num atestado datado de 1963, ela

---

<sup>18</sup> Datado de 28.11.1948.

declarou que Kattrin Kemper trabalhou desde a fundação do Centro - de 1953 (sic) e até 1959 - nas ditas funções.

Nesse seu primeiro trabalho no Rio de Janeiro, Kattrin Kemper viu-se logo envolvida em dificuldades. Ela e mais duas outras colaboradoras do Centro, que ali trabalhavam como psicopedagogas e que, como a própria diretora do Centro, também eram analisadas de Kemper, foram processadas judicialmente.<sup>19</sup> Elas foram acusadas de não possuir qualificação profissional para o exercício de suas atividades. Todavia a queixa foi recusada com a justificativa de que as três citadas exerciam no Centro apenas uma função auxiliar e trabalhavam sob supervisão médica. E que “embora as atividades das mesmas não fossem ainda profissionalmente regulamentadas no país, elas possuíam evidente valor científico nos descobrimentos dos chamados territórios da alma humana, não se justificando o receio do público de interpretações errôneas”.

Na defesa judicial do Centro contra a queixa são feitas as seguintes indicações sobre a qualificação profissional de Kattrin Kemper: ela se teria qualificado psicanaliticamente em cursos intensivos de Psicanálise em Berlim, durante os quais, teria freqüentado seminários e feito análises de formação e de controle. São relacionadas várias instituições, entre as quais, o “Comitê de Docentes dos Psicoterapeutas de Berlim”, onde ela teria seguido seminários, realizado palestras e eventos.

Antes de trabalhar no Centro, Kattrin Kemper já havia sido acusada em abril de 1951 de trabalhar como psicanalista desde algum tempo.<sup>20</sup> A diretoria do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBP), que havia convidado Werner Kemper para seu analista didata, acusou-o de dar trabalho à sua mulher no Instituto e não apenas como psicanalista, mas também como analista didata.<sup>21</sup> Em julho de 1951, dois psicanalistas formados na Argentina, Walderedo de Oliveira e Danilo Perestrello, protestaram junto ao Dr. Kemper por causa das atividades clínicas de sua mulher. Eles se dirigiram inclusive a IPA e reclamaram junto ao seu Presidente, Leo Bartemeier, por causa da caótica situação no Rio de Janeiro. E voltaram a reclamar no ano seguinte, em carta escrita em fevereiro ao Presidente da IPA, Heinz Hartmann, mais uma vez se queixando da situação no IBP e no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Este último era dirigido por analistas ainda em formação. O CEP fora fundado por Werner Kemper juntamente com os seus analisandos em formação e sua mulher em outubro de 1951, depois dele ter sido "literalmente posto pra fora debaixo

---

<sup>19</sup> Tenho em mãos a tomada de posição do advogado do Centro contra a queixa, assim como o julgamento e sentença do juiz de 10.07.1952. Mas não é visível a identidade do mandatário da queixa.

<sup>20</sup> A excelente pesquisa da dissertação de Nádía Maria Sério (Sério, 1998) revela detalhes do conflito em torno de Kattrin Kemper.

<sup>21</sup> Segundo a pesquisa de Sério, Kattrin Kemper, na verdade, começou a trabalhar como didata só mais tarde, mas já como supervisora de um analisando didata do primeiro grupo de formação de Dr. Kemper, que concluiu sua formação em 1954. Ela atendeu também dois analisandos do segundo grupo que se formou em 1956. (Sério, 1998, pg. 284) As páginas indicadas do trabalho de Sério correspondem ao texto eletrônico e não equivalem forçosamente à edição original do trabalho.



de insultos e vergonha".<sup>22</sup> Porém, o motivo da demissão de Dr. Kemper e dos violentos conflitos que a ela se seguiram, não foi apenas o fato dele ter facilitado a rápida ascensão da sua mulher à analista e logo depois à analista didata. No começo da década de 50 rivalizavam três grupos psicanalíticos no Rio de Janeiro, que seguiam as prescrições da IPA. Inicialmente, além do grupo de Werner Kemper, havia o de Mark Burke e seus analisandos. Eles provocaram a demissão de Kemper do IBP.

Mark Burke era um psicanalista de origem polonesa, inglês naturalizado, que viera para o Rio de Janeiro alguns meses antes de Kemper, por intermédio do psicanalista inglês Ernest Jones, para trabalhar como analista didata no IBP. A cooperação no Brasil entre os dois analistas mostrou-se logo difícil por várias razões. Burke era somente membro associado da British Psychoanalytical Society (BPS). Apesar dele não ser suficientemente qualificado, Jones o recomendara aos brasileiros para analista didata, sem ter falado antes com o Presidente da BPS, John Rickmann, sobretudo devido ao seu grande interesse por essa função. Existem inclusive numerosas anedotas a respeito de Burke que o identificam como uma pessoa muito difícil. Kemper escreveu a Rickmann indagando sobre ele e obteve uma espantosa resposta.<sup>23</sup> Ele lhe respondeu que ficara espantado com os detalhes, mas não propriamente com a situação causada por Burke no Rio de Janeiro. Esclareceu que a BPS não tinha autorizado absolutamente Burke a assumir a função de analista didata e que por isso não podia chamá-lo de volta. O mesmo valia com respeito ao seu estado mental. Rickmann explicou que teria tido uma conversa com Burke antes de ele viajar ao Brasil e que nessa conversa ficara com a impressão de que ele se encontrava num estado de paranóia (*paranoid state of mind*). E inclusive por essa razão não seria possível convencê-lo a voltar para a Inglaterra.

Werner Kemper considerava-se então vítima de uma “sistemática campanha de destruição por parte de Burke e seus analisandos em formação envolvidos parcialmente em sua loucura”.<sup>24</sup> Por sua parte, Burke fez uma reclamação contra Kemper ao seu analista didata, James Strachey, e se queixou de que a direção da IPA o estaria apoiando.<sup>25</sup> Entretanto, o estado de saúde de Burke piorou e ele viu-se forçado a retornar à Inglaterra em novembro de 1953. Alguns dos seus analisandos viajam também à Inglaterra para concluir lá a sua formação com outros analistas. Outros vão para a Argentina.

Além de Burke e Werner Kemper e seus analisandos, já havia também alguns psicanalistas brasileiros formados, como os mencionados anteriormente Perestrello e Oliveira. Eram os ditos “argentinos”, médicos que não haviam querido esperar até que viesse um analista didata ao Brasil e tinham ido fazer sua formação psicanalítica na Argentina. Quando eles

---

<sup>22</sup> Carta de Dr. W. K. a Müller-Braunschweig, de 06.11.1951.

<sup>23</sup> Há apenas um trecho da carta de Rickmann de 13.02.1951 entre os documentos acessíveis. Infelizmente o original não pôde ser encontrado.

<sup>24</sup> Vide nota 22 e os detalhes no texto não datado de Kemper intitulado „Sobre os boatos que põem em dúvida a formação psicanalítica de Katrin Kemper“.

<sup>25</sup> Carta de Burke a Strachey de 06.02.1952.

retornaram ao Rio de Janeiro no fim da década de 40 e início da década de 50, já não puderam mais ter o papel de pioneiros que gostariam de ter tido. E em vista da experiência de sua formação na já bem organizada Associação Psicanalítica Argentina, desaprovavam rigorosamente as relações existentes no Rio de Janeiro. Não podiam aceitar naqueles primeiros tempos da construção de uma sociedade psicanalítica, que a mesma pessoa fosse ao mesmo tempo analista, didata, professor, supervisor, diretor do Instituto e que os analisandos também fossem de várias maneiras envolvidos na construção da sociedade. Mais tarde, eles acabaram se unindo aos burkianos para combater o grupo de Kemper, reconhecido como sociedade em 1955 pela IPA. Nesse ano, eles até conseguiram por meio de uma calúnia que Kemper fosse temporariamente preso. Dessa união dos burkianos e argentinos, facilitada pelo fato deles todos serem kleinianos, surgiu a segunda sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro ligada a IPA, a “Sociedade Brasileira Psicanalítica do Rio de Janeiro” (SBPRJ), reconhecida em 1959.

### **Comprovantes da formação psicanalítica em Berlim**

Foi Burke quem insistiu em questionar a qualificação psicanalítica de Katrin Kemper. Ele aproveitou a ocasião do Congresso da IPA em Amsterdã, em agosto de 1951, para indagar ao Presidente da DPV, Müller-Braunschweig, se ela seria de fato candidata à formação na DPV. Ele lhe respondeu que não se lembrava, mas afirmou que Katrin Kemper não era ligada a DPV. Logo que Kemper soube disso, dirigiu-se a Müller-Braunschweig e o fez compreender que a sua resposta a Burke não tinha sido correta. Müller-Braunschweig se corrigiu para com Burke sobre o *status* de Katrin Kemper de candidata à formação. Mas este considerou essa afirmação posterior uma inverdade, um favor dele feito a Werner Kemper.

Kemper fez então um “curioso pedido” a Müller-Braunschweig, a fim de poder enfrentar a denúncia de Burke.<sup>26</sup> Solicitou-lhe que reconhecesse, por meio de uma declaração juramentada, que a correção feita à sua primeira resposta dada a Burke, relativa à formação de sua mulher, “não fora feita por favor à sua pessoa”. De sua parte, Müller-Braunschweig recorreu a Felix Boehm. E este lhe enviou um comprovante de que Katrin Kemper teria sido aceita em maio de 1948 como candidata à formação no Instituto de Psicoterapia de Berlim. Müller-Braunschweig ficou então contente de poder livrar-se assim da suspeita de ter feito uma declaração falsa por amizade a Werner Kemper.<sup>27</sup>

A carta de Müller-Braunschweig a Werner Kemper contém três partes anexas:

1) uma cópia da nota de ata do “Institut für Psychotherapie” de Berlim, segundo a qual Katrin Kemper teria sido admitida pelo seu Comitê de

---

<sup>26</sup> Carta de Werner Kemper de 06.11.1951

<sup>27</sup> Carta de Müller-Braunschweig a Werner Kemper datada de 14.11.1951.

Formação e Ensino ao terceiro semestre do curso de formação de psicoterapeutas em 9 de julho de 1948;

2) um comunicado datado de 10.05.1948 de Boehm, diretor do Comitê de Formação e Ensino, endereçado a Kattrin Kemper. Neste, ele lhe comunica a autorização do Comitê por decisão de 30.04.1948 "para que ela dê prosseguimento no nosso Instituto de sua formação iniciada no antigo "Institut für Psychologische Forschung und Psychotherapie" (Instituto de Pesquisa Psicológica e de Psicoterapia) a longo tempo, interrompida".<sup>28</sup> Boehm lhe sugere que "em vista da prolongada interrupção", ela siga então as preleções do segundo semestre e no inverno continue com os trabalhos no terceiro semestre;

3) uma carta curta anexa de Boehm a Müller-Braunschweig notificando a remessa dos dois documentos.

A rigor, esses documentos datados de 1948 provam somente que Kattrin Kemper teria sido admitida lá alguns meses antes de viajar para o Brasil. A pressuposição de que ela teria iniciado de fato a sua formação lá, se baseia somente em suas próprias indicações. Isto fica evidente no final da carta de Boehm datada de 10.05.1948. Ele pede que Kattrin Kemper lhe comunique quais cursos ela teria seguido na época no Instituto, para que ele complete o seu dossiê.<sup>29</sup>

A resposta de Kattrin Kemper a Boehm (carta de 02.07.1948) contém as seguintes indicações:

"Com relação aos solicitados comprovantes dos cursos que segui no 'Institut für Psychologische Forschung', anoto de memória os seguintes, divididos em vários semestres:

J. H. Schulz (sic): Treinamento Autogênico

Schultz-Hencke: Teoria da Neurose

Vetter: Conhecimento do Caráter e Seminário de Grafologia

Kemper: 1. Psicologia do amor

2. Patologia do amor

3. Teoria específica da neurose

4. Apresentações de casos da Policlínica

Seiff: Desenvolvimento da primeira infância.

Assim como uma série de cursos, entre outros, por exemplo, de Heyer e Schirren, cujos títulos não me vêm à memória. Os cursos acima mencionados foram realizados entre 1943 e 1945.

Além do mais, participei regularmente no semestre passado das apresentações de casos da Policlínica e das seguidas discussões conclusivas sobre os casos nos seminários da Sra. Fuchs-Kamp.

Espero que no total, levando-se em conta ainda minhas numerosas discussões profissionais com o meu marido e colegas, principalmente analistas de crianças, apesar do processo atípico de minha formação, eu disponha dos pressupostos

---

<sup>28</sup> Kattrin Kemper pretendeu mais tarde no Brasil ter iniciado sua formação em 1943 no dito "Instituto Göring" de Berlim, após uma primeira entrevista com Müller-Braunschweig.

<sup>29</sup> Note-se que o dito "Instituto Göring" de Berlim foi destruído nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial. Mas é duvidoso por que Kattrin Kemper não podia comprovar a documentação de seus estudos psicanalíticos. Pois os Kempers não foram vítimas de bombardeio. E os documentos da família, assim como os demais documentos concernentes à sua formação de grafóloga, foram todos preservados.

conhecimentos teóricos que devem corresponder hoje a dois ou três semestres de uma formação regular".

Existe, pois, apenas um comprovante, datado de depois da Segunda Guerra Mundial, da pretensa formação psicanalítica de Katrin Kemper, que teria sido iniciada em Berlim antes da sua viagem para o Brasil. Trata-se de um certificado que comprova a sua participação numa série de oito conferências realizadas no semestre de verão de 1948 no "Institut für Psychotherapie". Entre estas, a de discussão de casos da Sra.Fuchs-Kamp, que ela menciona na sua carta a Boehm.<sup>30</sup> Nessa época, ela era ao mesmo tempo docente de Grafologia e estudante no Instituto.

Certo é que, quando Katrin Kemper viajou ao Brasil, ao contrário do que atestou Schultz-Hencke, ela não era qualificada para trabalhar como psicanalista. Ela possuía somente dois semestres de estudos teóricos. Todavia ela já tinha tido entre 1941 e 1948 uma certa experiência com a psicanálise na prática. De um lado, a sua já mencionada análise terapêutica com a psicoterapeuta junguiana, Elisabeth Lambert, de julho de 1941 a setembro de 1942. Sobretudo ela fez mais tarde uma análise com a psicanalista Margarete Seiff, membro da DPG desde 1935 e a partir de 1940 analista didática e de supervisão.<sup>31</sup> Segundo um atestado seu, Katrin Kemper teria feito análise didática com ela "de outubro de 1943 até sua partida para o Brasil no outono de 1948." ("...ela realizou, desde outubro de 1943 até sua partida para o Brasil no outono de 1948, junto a mim sua análise de instrução, a princípio no intuito de se preparar para analisar crianças e mais tarde visando também a adultos. Além de sua análise de instrução ela efetuou também análises de controle e sua formação teórica sistemática. Não houve nesta ocasião uma conclusão formal de aprendizado.") Seiff não indica nem o número de horas nem a frequência das sessões realizadas de análise. O atestado foi concedido mais de dez anos depois em dezembro de 1959.<sup>32</sup>

No Brasil, Katrin Kemper indicou num formulário da SPRJ que teria feito análise de outubro de 1943 até abril de 1948.<sup>33</sup> Ela teria tido assim um total de 750 horas.<sup>34</sup> Um antigo analisando de formação de Seiff comentou a respeito o seguinte: "avaliando-se 44 semanas de trabalho no ano e subtraindo-se o período em que a Sra.Seiff perdeu sua moradia em consequência de um bombardeio, chega-se a uma frequência de quase

---

<sup>30</sup> Nesse certificado estão relacionados os títulos das oito palestras e as assinaturas dos respectivos docentes que comprovam a sua inscrição e participação: Hochheimer - História de problemas; Kemper, Schultz-Hencke - Apresentação de doentes; Fuchs-Kamp - Seminário de discussão de casos; Boehm - A obra de Freud; Schultz-Hencke - Significado e estrutura do sonho e Exercícios de interpretação de sonhos; Hochheimer - Psicodiagnose; Müller-Braunschweig - Patologia psicanalítica.

<sup>31</sup> Vide biografia Seiff em: Ludwig-Körner, 1998.

<sup>32</sup> Não considero aqui a afirmação da psicanalista no atestado de que "teria sido encarregada naquele questionável período da antiga DPG (Müller-Braunschweig) da realização de análises didáticas e de controle". Não existia a DPG entre 1938 e 1945.

<sup>33</sup> Seiff no atestado diz que durou até o outono de 1948. Numa justificativa (sem data) de Werner Kemper sobre a qualificação psicanalítica de sua mulher, ele diz que "ela interrompera sua análise didática pouco antes de sua conclusão", pouco antes de sua emigração para o Brasil em dezembro.

<sup>34</sup> Dados preenchidos num formulário da SPRJ sem data.

quatro vezes na semana durante todo o tempo. Isso significaria que Katrin Kemper teria feito uma análise naquele tempo com ela de quatro vezes na semana. Segundo a maneira de trabalhar da Sra.Seiff, acho isso impossível. Mas... " <sup>35</sup>

A duração da experiência terapêutica de Katrin Kemper antes de sua emigração para o Brasil resta não comprovável. Sem contar o prestativo atestado de Schultz-Hencke, não existe nenhum comprovante de valor que possa ser considerado. Ela pretendeu no Rio de Janeiro ter tido 50 horas de supervisão com Schultz-Hencke entre 1945-1948 e 60 horas de supervisão com Fuchs-Kamp entre 1946-1948.<sup>36</sup> Muito provavelmente esses dados se referem ao curto período de sua formação no Instituto de Psicoterapia de Berlim em 1948. Mas é estranho que ela não faça nenhuma referência (inclusive no seu currículo de 1948, datado da época em que ela teria se candidatado à formação de psicoterapeuta no Instituto de Psicoterapia de Berlim), à sua experiência como analista de criança sob supervisão, que supostamente ela já teria.<sup>37</sup>

O parecer de Hochheimer relativo à sua admissão à formação no Instituto de Psicoterapia de Berlim também não contém nenhuma indicação de uma eventual experiência clínica anterior. O atestado de sua analista Seiff, em que a mesma declara que Katrin Kemper teria feito análise de controle com ela, ao mesmo tempo que sua análise didática, não deixa claro o período de tempo. Nas declarações não datadas de Werner Kemper sobre a formação de sua mulher, feitas posteriormente ao seu mal-sucedido exame na DPV, ele menciona que ela teria feito duas análises de controle na Alemanha. Evidentemente não é possível ter havido uma continuação de sua análise didática após 1948 em Berlim. Muito menos no Rio de Janeiro, porque a única possibilidade local teria sido com Burke. Por outro lado, ela teria feito ainda 20 horas de análise de controle em 1954/1955 com a analista Adelheid Koch em São Paulo.<sup>38</sup>

### **A generosa oferta para tornar-se membro da DPG e um exame “bem-sucedido” não aprovado na DPV**

Antes de Werner Kemper ser pressionado pelos colegas por causa da insuficiente qualificação profissional de sua mulher, já lhe era claro que sua qualificação formal não a habilitava a trabalhar como analista no seu

---

<sup>35</sup> Dr. Alfred Köhler (Berlim) em carta ao autor de 15.02.1999. O "Mas..." se refere à sua opinião de que essa indicação de Katrin Kemper não se pode nem provar nem contestar de maneira segura. Note-se que nesse contexto devem ser consideradas as condições de vida na época na cidade de Berlim totalmente destruída pela Segunda Guerra Mundial e as dificuldades de seus habitantes de garantir no dia-a-dia a pura sobrevivência.

<sup>36</sup> Num formulário da SPRJ.

<sup>37</sup> Katrin Kemper relatou, pela primeira vez, na década de 60 uma experiência terapêutica que teria feito em 1946 e que teria sido marcante para sua vida profissional: com uma menina autista surda-muda “no primeiro ano de seu trabalho psicanalítico”. O caso lhe teria sido delegado por imposição do “Serviço de Saúde Pública de Berlim” (Versicherungsanstalt Berlin). Ela teria levado o caso regularmente à discussão nos colóquios semanais com Schultz-Hencke.

<sup>38</sup> Segundo indicações num formulário da SPRJ.

Instituto. Em fevereiro de 1951, ou seja, antes de sua troca de carta com Müller-Braunschweig, ele se dirigiu por carta a Boehm, então Presidente da DPG, sobre essa questão.<sup>39</sup> Vale a pena citar a resposta de Boehm datada de 01.03.1951:

“Caro Sr. Kemper!

O conteúdo de sua carta de 05 de fevereiro de 1951 foi um dos assuntos discutidos detalhadamente numa sessão administrativa de 22.2.1951 de nossa sociedade. Fui encarregado de lhe comunicar o seguinte:

Aconselhamos a sua mulher a se dirigir por meio de uma carta minuciosa diretamente a mim, na qualidade de atual presidente de nossa sociedade, para candidatar-se a membro. Ela deve enviar todo o seu histórico escolar, ou seja, não somente a relação cronológica de seus estudos anteriormente realizados, como também os dados correspondentes à sua formação de psicoterapeuta. Além disso, indicar os seus conhecimentos adquiridos até agora com base na literatura psicanalítica, principalmente qual obra de Freud ela estudou até agora.

O senhor há de compreender que fazemos questão desse procedimento, uma vez que, se estamos bem orientados, a sua mulher possui mais uma formação geral de psicoterapeuta, do que uma formação especial de psicanalista.

Além disso, solicitamos que sua mulher nos envie dois trabalhos seus: um, sobre um tema científico de sua escolha da grande área da Psicanálise; o outro deve conter uma exposição minuciosa do caso de um dos seus pacientes tratados psicanaliticamente (cerca de 30-40 páginas datilografadas, espaço 1 ½ ) e a descrição – como de costume – da sintomática inicial, do processo de tratamento, do sucesso obtido, assim como as manifestações de resistência e contra-transferência e algumas análises detalhadas de sonhos.

Deixamos, porém, ao critério de sua mulher, em vez da elaboração de um tema científico, ela enviar um relato de um tratamento seu efetuado numa criança.

Logo que os dois trabalhos nos chegarem às mãos, eles serão lidos e discutidos em duas sessões científicas de nossa sociedade. Isso terá naturalmente a desvantagem que a sua mulher não poderá participar na discussão e eventualmente fazer comentários complementares. Mas acreditamos virmos a ganhar uma impressão clara de seu atual nível de conhecimento teórico e prático na aplicação terapêutica da psicanálise.

Esperamos que sua mulher dê procedimento às nossas sugestões o mais breve possível para que possamos apressar a sua admissão em nossa sociedade como membro associado.

Saudações cordiais,

(assinado)Boehm”

Mais demonstração de boa vontade do que isso era praticamente impossível. Sem levar em conta o fato que Katrin Kemper até então pouco se qualificara psicanaliticamente, lhe ofereceram assim mesmo a possibilidade de ela prestar um exame à distância para se tornar membro associado da DPG. Numa outra carta posterior, datada de 15 de março de

---

<sup>39</sup> Não disponho do original de Kemper, mas a resposta de Boehm permite que se deduza do que ele tratou. Nesse contexto deve ser considerado que naquela ocasião a DPG era reconhecida ainda provisoriamente pela IPA e a DPV foi reconhecida somente em agosto daquele ano como a primeira sociedade psicanalítica alemã filiada a IPA. Werner Kemper sabia da divisão da DPG, isto é, da fundação da DPV. Sem dúvida, as duas sociedades estavam interessadas em tê-lo como membro. Müller-Braunschweig fez inclusive uma tentativa para que ele aderisse à fundação da DPV, que ele respondeu evasivamente. (carta de W.K. de 07.10.1950)

1951, Boehm lhe confirma oficialmente seu *status* de candidata à formação na DPG. Transcrevemos a tradução original usada por Katrin Kemper.

“Em resposta à sua consulta confirmamos que V.S. esteve inscrita na nossa sociedade como candidata ao curso completo de psicanalista. Em virtude dos cursos já feitos por V.S. aqui em Berlim (análise didática, preleções e seminários, análises de controle), bem como em face dos demais casos de controle praticados no Rio de Janeiro com o Dr. Werner Kemper, sugerimos a V.S. em carta especial que nos enviasse um trabalho científico, bem como uma exposição minuciosa do caso de um dos pacientes tratados por V.S., ambos os trabalhos com no mínimo trinta páginas datilografadas, a fim de podermos, caso estes trabalhos correspondam às exigências do nosso exame final, conceder-lhe a categoria de membro extraordinário da nossa sociedade.”\*<sup>40</sup>

Numa carta curta a Boehm, datada de 22 de julho de 1951, Katrin Kemper comunica que enviara o seu segundo trabalho: “Uma descrição parcial de uma análise em adulto”. Ela explica que se apressara com a elaboração do manuscrito, porque seu marido tencionava viajar a Berlim depois de participar no Congresso da IPA que ia realizar-se em agosto, em Amsterdã. Assim ele ia poder tomar conhecimento da opinião pessoal de Boehm sobre o seu trabalho.

Entre os documentos disponíveis não há nenhuma referência por que razão o “exame à distância” e a admissão de Katrin Kemper como membro associado da DPG não se efetuaram.<sup>41</sup> Muito provavelmente porque a DPG perdeu em Amsterdã seu *status* de membro provisório da IPA e a DPV tenha sido reconhecida como sociedade pela IPA. Katrin Kemper afirmou tempos depois a um membro da DPV, que a filiação a IPA era um ponto de vista decisivo para ela.<sup>42</sup> Nesse sentido não foi tão surpreendente ela fazer uma nova tentativa um ano e meio depois junto a DPV para ganhar o *status* de analista ligada a IPA. O seu marido, no entanto, “caiu das nuvens”, conforme ele se confiou em carta ao seu antigo analista didata, quando ela lhe comunicou que se havia inscrito para o exame na DPV, a fim de se tornar membro da DPV e da IPA.<sup>43</sup> Mas, ele acentuou, ela “teria ido ao encontro de um seu desejo secreto”. Porém, se ela tivesse pedido antes sua opinião, ele certamente a teria desaconselhado. Ele achava que ela não possuía ainda os requisitos necessários para um tal exame. O seu “desejo secreto” se referia à sua esperança de que dessa maneira fossem enfim impostos limites a Katrin Kemper, que não aceitava vindos da parte dele: “eu tive que constatar, através de experiências em parte dolorosas para mim, que o melhor é deixá-la seguir sozinha seu caminho, com a íntima convicção de que um dia ela venha a notar por si mesma que a base de sua formação é insuficiente e que somente quem possui uma base sólida da posição fundamental de Freud como uma natural aquisição espiritual e permanentemente presente em si, é capaz de lidar com outras escolas sem o perigo de unilateralidade”.

---

<sup>40</sup> Documentos já existentes na tradução em português estão assinalados com \*.

<sup>41</sup> Numa síntese biográfica de Katrin Kemper que se encontra na SPRJ e que deve datar provavelmente de 1962, consta no entanto que ela era membro associado da DPG.

<sup>42</sup> A afirmação foi feita a Gerhart Scheunert. Vide protocolo da discussão sobre o requerimento de inscrição de K.K. de 10.02.1953.

<sup>43</sup> Werner Kemper em carta a Müller-Braunschweig de 14.03.1953.

No dia 10 de fevereiro de 1953, Kattrin Kemper fez então uma palestra na DPV em Berlim intitulada “Um caso de agorafobia”. No dia 13, sucedeu o exame oral. A palestra foi bem apreciada por todos os membros presentes da DPV e avaliada como “um bem-sucedido aprendizado junto a Werner Kemper”.<sup>44</sup> Porém o exame oral foi considerado um desastre. Todos os membros votaram contra sua filiação.<sup>45</sup>

Müller-Braunschweig explicou a decisão dos membros numa carta a Werner Kemper de 16.02.1953: “Ficamos muito insatisfeitos com o resultado do exame oral de sua mulher, apesar de os examinadores se terem esforçado em lhe facilitar as respostas. Ela não foi capaz de responder, entre outras coisas, quais os principais pensamentos construtivos de “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”; a pergunta sobre as razões determinantes da ampliação da noção popular de sexualidade; assim como a pergunta, como Freud usou a sua noção original de defesa no começo da sua pesquisa e mais tarde; e quais são os outros mecanismos de defesa além do recalque. Ela não soube inclusive a fórmula de Freud “a neurose é o negativo da perversão”.

Na sua carta, Müller-Braunschweig aconselhou Kemper que pressionasse sua mulher ao “estudo profundo da obra de Freud”. E não poupou Kemper, que esperava que em alguns meses o seu grupo pudesse ser reconhecido pela IPA como “study group”, esta observação de princípio: “a fundação e manutenção de sociedades que se denominam psicanalíticas só é justificável, se seus membros além da capacidade terapêutica, possuem também os conhecimentos teóricos fundamentais da Psicanálise”.

Werner Kemper se apressou em responder a Müller-Braunschweig que seria um erro, se ele se baseasse doravante na experiência feita com Kattrin Kemper para tirar conclusões gerais sobre o tipo de formação e o nível de formação de seu grupo. Que ele teria instruído o seu grupo durante três anos sobre a obra completa de Freud e podia dizer de consciência tranqüila que “a matéria está bem assimilada”. E esclarece as razões do diferente nível de Kattrin Kemper, apesar de ela ter participado regularmente e desde o início do curso em todos os seminários.<sup>46</sup> Antes de tudo, “porque ela pretendeu no início do curso conhecer suficientemente a obra de Freud, superestimando os seus verdadeiros conhecimentos. Além disso, o fato dela não dominar ainda suficientemente a língua portuguesa para poder seguir com precisão os seminários, por parte, bastante complicados. Assim que, mesmo quando ela pôde ler antes em alemão os textos referidos da obra de Freud, não lhe era possível seguir a discussão dos problemas nele contidos. Disso resulta, que ela “não dominava o bê-á-bá da psicanálise”.

---

<sup>44</sup> É de supor que ela não tenha elaborado para publicação o tema da palestra. Não consta entre suas publicações disponíveis. O ensaio apresentado a DPV e publicado depois na revista “Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychotherapie” (Prática da Psicologia infantil e Psicoterapia Infantil) possui um nível científico formal.

<sup>45</sup> Dräger, March, Müller-Braunschweig, Scheunert, Werner.

<sup>46</sup> Conforme um certificado de 1963 da SPRJ, Kattrin Kemper participou em todas as palestras, cursos e seminários, desde o início do curso de formação teórica destinado aos primeiros analisandos de Dr. Kemper como “convidada especial”. Primeiramente em 1949|1950 no Instituto Brasileiro de Psicanálise e depois em 1951/1952, no Centro de Estudos Psicanalíticos. Conforme o certificado, ela teria concluído dessa maneira a sua formação psicanalítica.



Depois de ter admitido e esclarecido o insuficiente conhecimento teórico de sua mulher, Werner Kemper argumenta ainda que vai ser muito difícil reparar a sua falta de conhecimento: “Infelizmente apesar de lhe faltar esse fundamento, ela desfruta de um impressionante sucesso terapêutico, que posso acompanhar em termos críticos e nesse meio tempo ela dispõe de uma clínica tão grande, que mesmo com a melhor boa vontade não será possível em tão curto prazo recuperar os anos de estudos que faltam na sua formação.” Ao mesmo tempo, Werner Kemper se diz convencido de que sua mulher “até que enfim compreendeu isso finalmente” e que se trata “só de uma questão de tempo para que tudo que no seu caso começou como uma aventura, possa levar finalmente a um bom termo, embora o seu caminho tenha sido tão atípico e fora da norma.”

Essa maneira otimista de Werner Kemper de ver as coisas é de certo modo uma reação à generosidade da DPV que concedera um certificado a Kattrin Kemper, apesar de ela não ter sido aprovada no exame de admissão, a fim de que pudesse conseguir o seu objetivo no Brasil. O certificado ia ter utilidade para ela e seu marido em dois aspectos: no caso do grupo de analisandos de Werner Kemper ser reconhecido como “study group” pela IPA, o certificado ia permitir que Kattrin Kemper fosse admitida no grupo, sem que ele fosse acusado de a favorecer injustamente. Kattrin Kemper deixara claro em Berlim “que por essa razão, seu marido fazia questão da avaliação imparcial de uma comissão examinadora de outro país”. Além disso, o certificado ia ajudar no caso das autoridades brasileiras criarem dificuldades à prática clínica de Kattrin Kemper. O certificado da DPV que Kattrin Kemper trouxe de Berlim afirma o seguinte:

#### CERTIFICADO<sup>47</sup>

“Certificamos com prazer que a senhora Kattrin A. Kemper, indicando seu aprendizado de 3 ½ anos no Grupo de Formação Psicanalítica do Sr. Dr. med. Kemper (seu marido), no Rio de Janeiro, apresentou ao Conselho de Formação de Ensino da Associação Psicanalítica Alemã, grupo regional da Associação Psicanalítica Internacional

- a) um trabalho de nível científico, publicado na revista “Praxis der Kinderpsychologie” (sic), ano 1, fascículo 5/6 e 7 sobre “Sintomas de medo, dificuldades educativas e escolares num menino de 9 anos”, que demonstra sua capacidade na terapêutica psicanalítica infantil;
- b) fez na sessão científica da DPV de 10 de fevereiro de 1953, em exposição verbal, a apresentação de “um caso de agorafobia” e,
- c) num colóquio com o Conselho de formação e Ensino da DPV, em 13.12.1953, demonstrou também seus conhecimentos teóricos de psicanálise.

À luz das impressões que tivemos em face desses dados, e levando em conta, principalmente a circunstância de sua colaboração constante com o Sr. Dr. Kemper, não temos dúvidas quanto à habilitação da Senhora Kemper para o exercício de uma clínica psicanalítica.”

(assinado)Dr. Carl Müller-Braunschweig”\*

---

<sup>47</sup> Segundo tradução oficial usada por Kattrin Kemper

A DPV certificou dessa forma a capacidade clínica de Katrin Kemper, apesar de ela não ter sido aprovada no exame de admissão para a sociedade. Nota-se, entretanto, a atribuição de responsabilidade ao marido no julgamento da capacidade de Katrin Kemper. Falta qualquer indicação de que ela tivesse iniciado a sua formação na Alemanha. E isso não correspondia ao que Werner Kemper tinha em mente: ele queria livrar-se da responsabilidade para com sua esposa para poder enfrentar seus críticos no Brasil.

E, nesse sentido, Müller-Braunschweig lhe envia uma declaração, datada de 16.02.1953, como justificativa adicional do exame de Katrin Kemper, que transcrevemos conforme tradução original:

“Levando em conta a circunstância de se encontrar entre os candidatos do grupo de formação psicoanalítica (sic), dirigido por V.S. no Rio de Janeiro, futuros aspirantes a membros, também sua esposa e, desejando V.S. neutralizar preventivamente a possível censura de que V.S. poderia favorecer indevidamente sua esposa no sentido de alcançar a categoria de membro, declarou-se a “Deutsche Psychoanalytische Vereinigung” (“Associação Psicanalítica Alemã”) pronta a submeter sua esposa a um exame e em instrumento (sic) datado de 14 de fevereiro de 1953 expediu um parecer ao qual aqui nos reportamos.  
(ass.) Dr. Carl Müller-Braunschweig”\*

Kemper solicita mais uma declaração adicional da DPV <sup>48</sup> ao certificado de Katrin Kemper, que Müller-Braunschweig concede em agosto daquele ano:

“Declaração adicional ao certificado de 14 de fevereiro de 1953:

“Em relação ao preparo prévio da Senhora Katrin A. Kemper temos a acrescentar ainda que em 09 de julho de 1948 foi ela reconhecida como Candidata à formação como Psicoterapeuta, no terceiro semestre, pelo Conselho de Formação e Ensino do Instituto de Psicoterapia de Berlim. Essa afirmação se apóia numa nota de ata da sessão de 09 de julho de 1948 do Conselho de Formação e Ensino do Instituto de Psicoterapia de Berlim que, em 12 de novembro de 1951 me foi entregue pelo então Presidente do Conselho de Formação e Ensino do Instituto de Psicoterapia de Berlim, Senhor Dr. Boehm, do seguinte teor: “A senhora Kemper é admitida ao terceiro semestre do Curso de psicoterapeutas.” (ass. Boehm)

Ao “Instituto de Psicoterapia de Berlim” pertencia também naquela época, além de outros grupos terapêuticos, a Sociedade Psicanalítica Alemã, então sob minha direção.

(Ass. Dr. Carl Müller-Braunschweig)”\*

É notável como os Kempers usaram o certificado. Mais tarde, numa declaração não datada, intitulada “Sobre a questão da formação de Ana (sic) Katrin Kemper”, Werner Kemper pretendeu que sua mulher tivesse

---

<sup>48</sup> Numa carta aos colegas March e Scheunert, Müller-Braunschweig esclarece que escreveu “a pedido de Dr. Kemper” um atestado adicional “sem antes sondar a opinião da diretoria da DPV”, porque se tratava apenas de “uma nota de ata”. Tratava-se mais do que isto. Kemper lhe pediu o endosso às suas declarações anteriormente feitas às autoridades brasileiras, porque “ele mesmo teria feito esse esclarecimento adicional às autoridades brasileiras e queria evitar que a falta desses dados no certificado da DPV viesse a causar desconfiança de uma das duas declarações originais”.

prestado exame a fim de tornar-se membro da IPA, não na sua sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro, mas, sim, na Sociedade Psicanalítica Alemã (DPV), em Berlim (Müller-Braunschweig), que a seu pedido lhe tinha concedido um certificado.<sup>49</sup> A rigor não é uma inverdade. Ele “só” omite o resultado (negativo) do exame.

Uma declaração assinada por Werner Kemper datada de 25.8.1953 que leva o título “Sobre a documentação da formação de Kattrin A. Kemper” contém uma mistura de fatos distorcidos e inverdades.<sup>50</sup> No último trecho ele descreve o processo ocorrido depois de sua mulher ter entregue a DPG os dois manuscritos solicitados. E referindo-se à mencionada carta de Boehm de 15.03.1951 a Kattrin Kemper, ele afirma, ao contrário da verdade, que faltava um exame oral de conclusão, que deveria ter sido prestado em fevereiro de 1952. E prossegue (conforme tradução original):

“Mas antes de realizar a viagem planejada, sobreveio (sic) uma scisão (sic) dentro da Sociedade Alemã de Psicanálise, tendo como consequência final a fundação da Associação Psicanalítica Alemã, presidida por Dr. Müller-Braunschweig e confirmada pela Associação Internacional de Psicanálise. Por esta razão minha esposa mandou os dois trabalhos igualmente à Associação Psicanalítica e fez as provas finais (por escrito e oral) em duas sessões, no dia 10 e 13 de fevereiro de 1953 perante essa Associação, sendo aprovada. Dr. Müller-Braunschweig me mandou o respectivo (sic) certificado das provas junto com uma carta que se refere à situação especial da minha esposa no Brasil, tendo sido candidata da minha turma de formação. (ver anexo 2 e 3)”\*

## **A rápida carreira como psicanalista da IPA no Rio de Janeiro, novos conflitos por causa da qualificação e saída da SPRJ**

De fato, Werner Kemper facilitou a rápida ascensão de sua mulher à analista e didata em sua sociedade, apesar de todas as resistências contrárias e apesar de seu próprio ceticismo quanto ao seu nível de conhecimentos concernentes à psicanálise e à língua portuguesa. No tempo em que ela ainda constava como aluna nas atas da sociedade, ela já trabalhava como supervisora.<sup>51</sup> Em 16.12.1953, foi nomeada membro associado do CEP, do qual foi também co-fundadora.<sup>52</sup>

Na época, em que o casal Kemper pretendeu que Kattrin Kemper teria concluído a sua formação psicanalítica, o grupo de Werner Kemper ainda não havia sido reconhecido como sociedade pela IPA. A única sociedade ligada a IPA que poderia reconhecer então oficialmente Kattrin Kemper no Brasil como analista, teria sido a “Sociedade Brasileira Psicanalítica de São

---

<sup>49</sup> Disponho dessa declaração de Kemper em forma de esboço e não assinada. Não é verificável se ela foi usada assim. Uma tradução existente da mesma em inglês faz supor que os Kempers provavelmente fizeram uso da mesma.

<sup>50</sup> Também esta declaração foi traduzida para o inglês, com data de 08.09.1953. Esta como outras não contém assinatura e tampouco carimbo.

<sup>51</sup> Indicações precisas sobre suas atividades como analista didata constam em Sério, 1998.

<sup>52</sup> Documento datado de 20.05.1957. Este documento, como muitos outros referentes à carreira profissional de Kattrin Kemper, aos quais pude ter acesso nesta pesquisa, foram emitidos muitos anos após as referidas ocorrências.

Paulo (SBPSP)”, fundada por Adelheid Koch. Segundo um comunicado de seu presidente, datado de 14.05.1954, Katrin Kemper é aceita então na mesma como “membro associado”.<sup>53</sup> E após o reconhecimento pela IPA do grupo de Kemper como sociedade psicanalítica, em setembro de 1955, sucedem-se rapidamente as suas várias nomeações. Na qualidade de membro fundadora, Katrin Kemper é nomeada em outubro desse ano “membro regular para fins administrativos” da SPRJ.<sup>54</sup> Em dezembro de 1956 é nomeada “membro regular”, sem restrição. Desta vez, após o pronunciamento de uma palestra e discussão de um trabalho científico.<sup>55</sup> Em agosto de 1956, é nomeada analista docente da sociedade.<sup>56</sup> Em novembro de 1957 é nomeada oficialmente didata. Curiosamente, ao mesmo tempo que o marido. Isto porque Werner Kemper, independentemente da real desordem na SPRJ e das decisões serem impostas autoritariamente por ele, de um lado, oficialmente tudo devia seguir as regras da IPA. Dessa maneira, ele, o fundador e durante muito tempo único didata da SPRJ, para se tornar corretamente membro regular, deu uma palestra especialmente para esse fim sobre o tema “Ejaculação Precoce”, em julho de 1956. Sua nomeação sucedeu em novembro. Ele apresentou também formalmente um trabalho científico para oficializar a sua nomeação como didata da sociedade, apesar de ter ele próprio fundado a mesma.

No início da década de 60, as atividades de Katrin Kemper provocaram novamente um conflito. Desta vez as dúvidas sobre sua competência como psicanalista vieram de dentro da própria SPRJ. Em novembro de 1960, um analista formado no primeiro grupo de Werner Kemper, fez críticas ao fato de Katrin Kemper tratar em grupo analisandos que se encontravam ao mesmo tempo em análise individual. Um procedimento que em princípio não era novo. Werner Kemper já experimentava desde 1958 análises de grupo e individual ao mesmo tempo.<sup>57</sup> Mas Katrin Kemper tinha aceitado tratar no seu grupo um analisando de um colega, sem antes ter discutido com o mesmo sobre isso. E esse conflito desencadeou uma série de críticas à sua maneira de trabalhar. Acusavam-na de dar conselhos aos analisandos, de criticá-los, de tocá-los, de ter contato com eles também socialmente, de se meter nas suas vidas, de contar-lhes coisas íntimas e não somente da sua própria vida, mas também da vida do marido, da de seus analisandos, colegas e outros analistas didatas, etc. Acusavam-na de desrespeitar freqüentemente a discrição necessária. Num caso, que ela não negou, tomara banho de mar à noite com seus analisandos. A lista das acusações era longa e alimentava as dúvidas de que ela não se orientava nas regras da IPA na sua prática profissional. Uma atitude que Katrin Kemper tentava justificar com o argumento de que estaria desenvolvendo

---

<sup>53</sup> Parece ter sido apenas uma mera formalidade. O Presidente da SBPSP, Darcy M. Uchôa, solicitou em carta a Katrin Kemper, que ela lhe enviasse seu currículo e aparecesse uma vez por lá. Mas dessa maneira ela conseguiu o status de analista ligada à IPA. Podemos confirmar este dado junto à IPA. In: Eissler, R. (1954). List of Members of the International Psycho-Analytical Association. *Int. J. Psycho-Anal.*, 35:455-498.)

<sup>54</sup> Documento datado de 20.05.1957.

<sup>55</sup> Documento datado de 20.05.1957. O tema do trabalho não é indicado.

<sup>56</sup> Documento datado de 20.05.1957.

<sup>57</sup> Ele publicou mais tarde inclusive sobre isso. (Kemper, 1964).

uma nova técnica. No meio desse conflito, Werner Kemper torna-se de novo alvo das críticas, cujos detalhes são dispensáveis aqui.<sup>58</sup> Ele é criticado pelo seu comportamento autoritário. E ele até chega a conceder que sua mulher não respeitava alguns aspectos fundamentais da técnica psicanalítica, mas em geral a protege. Na discussão são levantadas também questões de princípio, sobretudo relativas à análise de leigos. Lutava-se duramente dos dois lados. Todas as normas da discrição foram violadas. O casal Kemper consegue impor o seu direito de voto, mesmo quando se tratasse deles próprios. Os denunciadores eram pressionados e ameaçados de exclusão da sociedade. Numa controvérsia a respeito de uma formalidade, chegou-se a apelar até a intervenção da Justiça.

Finalmente tanto Werner Kemper como os seus adversários se dirigiram a IPA. Ela enviou três emissários ao Rio de Janeiro. O relatório do Comitê da IPA datado de 27 de abril de 1962 é um documento muito informativo.<sup>59</sup> Os membros do Comitê (Robert D. Knight, Leon Grinberg e Bertram D. Lewin) tentaram não dar razão à nenhuma das partes. Todavia Werner Kemper conseguiu com a ajuda deles afirmar mais uma vez o seu poder. Os seus adversários mais decididos perderam em breve postos e poder, foram punidos ou saíram da sociedade. O Comitê confirmou a posição de Werner Kemper. Ele teria agido corretamente, tendo em conta a difícil situação em que se viu na fase inicial de organização da sociedade. Ele teria agido com sabedoria e adequadamente. Seus adversários deveriam ter considerado a trama complexa das relações transferenciais, resultantes de uma situação em que se tem à disposição somente um ou dois analistas. Sobretudo dever-se-ia evitar conflitos de ordem jurídica, que prejudicariam a psicanálise não somente no Rio de Janeiro e no Brasil, mas em toda a América Latina e no mundo inteiro. Os membros do Comitê perceberam relações de transferência não solucionadas, fantasias, rivalidades fraternas e edípicas, agressões, repetidas atitudes neuróticas, difamações e calúnias. Em suma, um comportamento indigno de analisandos em formação. Dessa perspectiva, eles também julgaram os dois analisandos de Katrin Kemper, que a tinham criticado violentamente. E em vista de seu comportamento considerado inadequado, o Comitê não deu muito crédito a eles.<sup>60</sup>

Katrin Kemper foi igualmente criticada pelo Comitê.<sup>61</sup> Na sua opinião, ela teria cometido muitos erros na escolha de seus analisandos, misturando relações de amizade, supervisão e terapia de grupo com análise e outros

---

<sup>58</sup> Não entro aqui na questão, em que medida esse conflito, surgido na Comissão de Ensino dirigida por Werner Kemper, era ligado aos interesses do restante da Sociedade. Vide detalhes em Sério, 1998.

<sup>59</sup> Report of the Ad Hoc Committee of the IPA to the Training Committee of the SPRJ-April 27. 1962. Este documento como muitos outros foi-me cedido generosamente por Nádia Sério.

<sup>60</sup> Trata-se de Octavio Luiz Barros de Salles e de Roberto Azevedo. Os dois foram punidos e o último desligado da sociedade “após um longo e tortuoso processo” (Sério, 1998, p. 387)(Todos os dois vieram da SBPSP de São Paulo onde já fizeram análise com Theon Spanudis. Spanudis era um excelente didata, que fez sua formação em Vienna com August Aichhorn e Otto Fleischmann.(vide (Füchtner, 2006)

<sup>61</sup> E ela perdeu sua posição de diretora do setor de programação da Comissão de Ensino. (Sério, 1998, pg.381).

erros semelhantes. Tais erros, cuja maior parte ela admitiu voluntariamente, não foram considerados, entretanto, uma razão suficiente para desqualificá-la como analista didata. O Comitê levou em conta o seu consentimento voluntário de não aceitar mais temporariamente novos analisandos e casos de supervisão. Ela foi aconselhada a respeitar no futuro a natureza didática das análises didáticas e de supervisão e não mais fazer uso de técnicas experimentais, que achasse eventualmente útil no tratamento de casos *borderline*. Finalmente ela foi aconselhada a fazer supervisão de seu trabalho, por um certo tempo, fora do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil. Nesse sentido, o Comitê lhe recomendou a psicanalista Marie Langer em Buenos Aires. Não lhe foi prescrito duração ou frequência de tempo, mas o Comitê mencionou três a quatro temporadas de duas semanas de duração cada uma no correr do ano seguinte como uma possibilidade adequada.<sup>62</sup>

A crítica e a recomendação para ela fazer supervisão e assim se disciplinar, foi “engolida” facilmente por Katrin Kemper, tendo em vista que o Comitê lhe certificou formalmente que a sua formação psicanalítica estava “em ordem”: “Examinamos minuciosamente os documentos oficiais de Katrin Kemper referentes à sua formação de analista e a consideramos em ordem. Ela fez uma formação completamente apropriada em Psicanálise Freudiana em Berlim e a acusação de que ela não seria adequadamente ou insuficientemente qualificada é infundada.” Esta confirmação da IPA de que a formação que Katrin Kemper havia feito em Berlim, num período em que a DPG nem fazia parte da IPA, fosse conforme as suas regras, é sem dúvida um ponto alto na história da aquisição dos comprovantes de sua qualificação.

O Comitê recomendou ainda que a SPRJ fizesse um exame das suas regras internas e a sua reelaboração. Além disso, mais umas medidas estranhas: no futuro, os protocolos das sessões deveriam conter somente informações curtas sobre os assuntos tratados, mas não detalhes. A IPA exigiu ainda que fossem destruídas todas as cópias das atas do conflito e as atas mesmas deveriam ficar inteiramente inacessíveis. Foram amarradas com fios de nylon e lacradas. Até então nunca tinha ocorrido uma censura de tal tipo.<sup>63</sup>

Os conflitos em torno de sua mulher prejudicaram em muito a reputação de Werner Kemper na sua sociedade. Quando ele, já enfraquecido fisicamente, retornou em maio de 1967 para a Alemanha, nem mesmo seus mais fiéis discípulos lamentaram o fato. Quando ele pediu, de lá, permissão para se tornar membro da DPV e da SPRJ, protelaram a decisão para uma sua eventual visita ao Rio de Janeiro. Em maio de 1969 foi criado um novo Conselho Consultivo da Sociedade e ficou estabelecido que

---

<sup>62</sup> Não se sabe se Katrin Kemper seguiu essas recomendações.

<sup>63</sup> (Sério, 1998, pg.374). Em 1981 o então Presidente da SPRJ, Victor Manoel Andrade, abriu sem permissão o maço de documentos. Esperava achar munição para afirmar-se em sua posição. Vide o manuscrito de julho de 1993 de título “A Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e a IPA”. Também no “caso Lobo” de tortura, no início da década de 80, a direção da IPA exigiu que a psicanalista Helena Besserman Vianna, membro da SBPRJ na época e quem denunciou o escândalo, destruísse toda sua documentação. Felizmente ela prometeu, mas não o fez. Sobre o “caso Lobo”, vide em alemão: Vianna, 1988; Kemper, 1995; Füchtner, 1992.

fariam dele parte todos os seus ex-presidentes, mas somente os domiciliados no Rio de Janeiro. Dessa forma, Werner Kemper ficou excluído de vez. (Sério, 1998)

Em 1962, Kattrin Kemper teve de comprovar novamente a sua qualificação profissional. Em agosto desse ano a formação de psicólogo foi regulamentada por lei e quem já trabalhava nessa profissão tinha de provar sua qualificação. Isso já não representava mais uma grande dificuldade para ela. A prática da psicanálise por leigos sob delegação médica já era oficialmente reconhecida desde 1956.<sup>64</sup> E mais uma vez lhe foi útil a tradução feita no Brasil para “psicóloga profissional” de seu registro profissional de Berlim, datado de 1945. E como comprovante de conclusão de segundo grau, ela deve ter apresentado provavelmente o seu comprovante de matrícula na Universidade de Berlim de 1946. Isto faz supor uma anotação sua escrita à mão numa folha de instrução sobre o procedimento para o reconhecimento legal de psicólogo. O carimbo no comprovante da Universidade de Berlim contém a indicação “zona de ocupação soviética”. Nota-se que a palavra “soviética” está raspada.

Após o retorno de Werner Kemper à Alemanha, a permanência de Kattrin Kemper na SPRJ tornou-se uma mera questão de tempo. Quando Igor Caruso visitou o Brasil em 1968, ele a procurou em companhia de Malomar Lund Edelweiss, Presidente do Círculo de Psicologia Profunda de Belo-Horizonte. E em entendimento com Caruso e Edelweiss, ela fundou em 1969, junto com alguns alunos no Rio de Janeiro, o “Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro”.<sup>65</sup> E em março de 1970, ela saiu oficialmente da SPRJ.

## **Sua visão da prática psicanalítica, sucesso terapêutico e popularidade**

Não é muito provável que Kattrin Kemper tenha exercido a prática psicanalítica menos independentemente depois das críticas que lhe foram feitas pelo Comitê da IPA. Muitos comentários que fez posteriormente fazem supor isso. Num ensaio publicado em 1973, ela esclarece a essência de sua visão terapêutica.<sup>66</sup> Ela descreve uma experiência feita numa policlínica de Berlim em 1946 com uma paciente que lhe teria sido encaminhada pela Previdência Social. Trata-se do caso da pequena Maria, uma menina autista de 3-4 anos. Ela tinha ficado quase surda-muda, em consequência de várias infecções no ouvido. Fora encontrada sozinha no meio de uma leva de refugiados que corria do avanço das tropas soviéticas, numa das vias de acesso a Berlim e fora adotada por um casal de situação

---

<sup>64</sup> Vide carta do Ministro da Saúde, Maurício de Medeiros, ao Presidente da CEP, Fábio Leite Lobo, de 10.12.1956.

<sup>65</sup> Entre os seus alunos que colaboraram nessa iniciativa, principalmente: Edson Soares Lannes, Henrique Alberto Baez Sampaio e Carlos Mauro Ferreira Bianchi.

<sup>66</sup> (Kemper, 1973). Numa nota de pé de página, Kattrin Kemper admite que o ensaio foi publicado pela primeira vez em 1962 por ocasião do V Congresso Latino-americano de Psicanálise no México. Mas este congresso foi realizado em 1964. Se a indicação do ano estiver correta, então se trata do IV Congresso realizado no Rio de Janeiro. Mas não é muito provável, porque nesse congresso ela apresentou um outro trabalho.

modesta e sem filhos. Kattrin Kemper descreve detalhadamente como ela conseguiu aproximar-se, pouco a pouco, dessa menina por meio de mímica e expressões gestuais, brincando, tocando gaita, mais por outros meios de comunicação que a palavra. E como sentiu fortes sentimentos maternos desde o começo para com ela. Ela explica o que teria sido decisivo para o sucesso terapêutico do caso: o fato da criança ter sido agredida violentamente ao sair de seu consultório por uma outra criança enciumada, o seu paciente seguinte. Kattrin Kemper por não ter notado logo a situação, só pôde intervir quando a menina caiu de uma escada, ferindo a cabeça. Num pulo, a carregou nos braços e a abraçou. A criança, ao sentir que ela temera por sua causa, agarrou-se a ela e começou a dizer repetidamente “dada”. Segundo Kattrin Kemper, seria a designação alemã para uma figura materna calorosa. A menina ria entre lágrimas. E a partir daí, a terapia teria progredido enormemente. Anos mais tarde, a então jovem ex-paciente lhe comunicou que estava se formando para ser secretária trilingue...

Kattrin Kemper repetia sempre essa história nas suas entrevistas. Essa experiência lhe teria servido de orientação para o seu trabalho terapêutico futuro. Evidentemente, o forte sentimento materno de contra-transferência e de espontaneidade com o qual ela teria reagido na situação descrita, teria sido decisivo para o sucesso da terapia. Nesse sentido, Kattrin Kemper acentua a importância terapêutica da utilização da contra-transferência. Na sua opinião, o analista neutro como espelho do paciente não permite a este trabalhar suas experiências traumáticas. O psicanalista deve colocar à disposição do paciente um lugar em branco para projeções mas, segundo ela, mostrar a contra-transferência positiva seria muito útil na terapia.<sup>67</sup> E como os pacientes sofreriam mais de carência de amor e menos de necessidade de odiar, se deveria evitar uma atmosfera fria e mecânica. Segundo ela, a contra-transferência positiva pode justamente promover uma atmosfera convenientemente calorosa e exprimir dedicação abnegada. Principalmente quando se trata de casos de psicose, autismo ou *borderline*, em que o ego é muito fraco, o contato verdadeiro em muitos casos só se conseguiria através de uma forte identificação por parte do analista. Para ela, o psicanalista deve colocar-se à disposição como um objeto bom dos primeiros tempos.<sup>68</sup> Estímulos animadores seriam também muito úteis.

No prefácio do ensaio (1973) mencionado anteriormente, ela afirma que teria discutido regularmente o caso de Maria, em Berlim, no colóquio de Schultz-Hencke. Assim teria chegado à sua convicção da função terapêutica da transferência e da contra-transferência. Em parte, isso é plausível. A influência de Schultz-Hencke é evidente em muitas coisas no seu trabalho e no Brasil ela sempre pretendeu ter sido, inclusive, analisanda dele. Mas justamente quanto à importância do processo de transferência, sua referência a Schultz-Hencke não convence. Como constata Thomä sobre publicações do mesmo, resumindo, “seu processo,

---

<sup>67</sup> Kemper, 1971.

<sup>68</sup> Numa entrevista, ela contou rindo que a chamavam de mãezinha.(Jornal do Brasil, 28.06.1978).



contrário à técnica psicanalítica usual, serve evidentemente de, na medida do possível, não deixar desenvolver uma análise de transferência ou de se manipulá-la de antemão de um determinado modo”. (Thomä, 1963) Ao contrário de Kattrin Kemper, Schultz-Hencke tinha uma aversão às manifestações de sentimento e correspondentemente não reconhecia a importância de um envolvimento emocional com o paciente. A sua posição em relação ao processo de transferência e de contra-transferência era também a questão central, em relação à qual Werner Kemper se distanciava dele. (Füchtner, 2003) Já em outras questões, como o menosprezo da teoria da libido, Kattrin Kemper podia apoiar-se perfeitamente em Schultz-Hencke, que ela admirava tanto. Ela gostava de apelar também nesse sentido a W.R. Fairbairn. A influência de Schultz-Hencke é também evidente muitas vezes na terminologia usada por ela. Ela falava de inibição e comportamento intencional e supunha uma fase pré-oral intencional, entre outras...

Teríamos de nos estender muito para considerar detalhadamente as publicações de Kattrin Kemper. A maioria trata de terapia infantil. Elas focalizam sobretudo a descrição de seu procedimento terapêutico. Apesar das referências a Schultz-Hencke e outros poucos autores, suas reflexões teóricas não levam a uma posição teórica coerente. Isso diminui a qualidade científica dos seus ensaios. Mas eles contêm também reflexões interessantes sobre o entendimento sem palavras, sobre a importância do contato com a pele, sobre diversas formas de interpretação, sobre fatores de cura de terapias de grupo, etc.

Mesmo com todo o apoio do marido, a contínua ascensão de Kattrin Kemper na cena psicanalítica do Rio de Janeiro não teria sido possível, se ela não tivesse conseguido um sucesso terapêutico extraordinário. Ela deve ter sido muito intuitiva e a sua decisiva recusa de agir terapeuticamente conforme as regras, a importância que dava à maneira individual espontânea de agir e reagir e o fato dela não respeitar uma fronteira nítida entre *setting* terapêutico e a realidade do dia-a-dia, não somente nas terapias de crianças autistas ou psicóticas, contribuíram evidentemente muito, em alguns casos, para o seu surpreendente sucesso terapêutico.<sup>69</sup> Obviamente, o seu jeito não convencional agradava. Todas essas características fizeram dela uma analista muito procurada. Ela atraía artistas e intelectuais não convencionais e tinha, sem dúvida, muito jeito em lidar com crianças.<sup>70</sup>

Kattrin Kemper se tornou em breve também muito querida na SPRJ pelos seus seminários.<sup>71</sup> O seu temperamento e sua maneira não convencional de lidar com a teoria e a terapia contribuíram igualmente para isso. Isso é plausível, na medida que dominavam figuras conservadoras e tendências

---

<sup>69</sup> Vide Kemper, 1973) (1975a.

<sup>70</sup> Nesse sentido existem algumas anedotas, cujo teor de veracidade deve ser avaliado com ceticismo, no entanto. Entre seus clientes incluía-se o músico Tom Jobim e conta-se que as suas sessões de análise se passavam, às vezes, em sua piscina: ele nadando e ela pacientemente sentada à beira da mesma, tomando conhecimento de suas observações. (Pires 1998)

<sup>71</sup> Sério, 1998.

equivalentes nas duas sociedades ligadas à IPA e entre os outros psicanalistas existentes na época.<sup>72</sup> De fato, Katrin Kemper foi criticada por atividades que naquela época eram consideradas problemáticas ou indesejáveis mas que, entretanto, se tornaram partes incontestáveis do trabalho psicanalítico.<sup>73</sup> Nos anos 50, ela era a única psicanalista na SPRJ que organizava seminários, atendia grupos de trabalho com mães e grupos com pais de crianças com dificuldades na educação. Ela fez ainda nesses anos uma inusitada e bem-sucedida experiência com psicoterapia de grupo com vários casais ao mesmo tempo.<sup>74</sup> Porém, o seu modo de agir incomodava freqüentemente. Entre outros casos malvistas, ela teria permitido uma vez como supervisora, que professoras de jardim de infância instigassem as crianças a jogar, simbolicamente, os pais numa fogueira. E quando ela soube que uma colega a tinha criticado por isso, pediu satisfação à mesma num acesso de raiva.<sup>75</sup> Ela comentava também publicamente que em Berlim os analistas eram da opinião de que não se devia bater nunca numa criança. Mas ela mesma defendia a opinião que uma boa palmada limpava às vezes muito melhor a atmosfera do que uma briga ou conversas intermináveis. (“...é melhor que guardar a raiva e alimentar uma briga surda e prolongada”) (Novaes, 1978)

## **Encontros Psicodinâmicos e Fundação da “Clínica Social de Psicanálise”**

Até a segunda metade da década de 60, as sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro eram ainda muito pequenas, organizações profissionais praticamente despercebidas. (Füchtner, 2002) O IV Congresso Latino-americano de Psicanálise realizado em 1962 no Rio de Janeiro foi um dos raros momentos em que a mídia dedicou uma atenção considerável aos psicanalistas. Porém, por volta do final da década de 60, as relações na sociedade mudaram rapidamente. Tem início então um *boom* psicanalítico que propiciou aos analistas anos de ouro. Mas esses foram os piores anos da ditadura militar no Brasil. Sob o domínio dos generais, que tomaram o poder em 1964, o Brasil viveu no final da década de 60, um dito “milagre econômico” de curta duração e com uma extrema concentração de renda e um horrendo aumento das desigualdades sociais. A resistência política e as lutas trabalhistas foram reprimidas de forma cada vez mais brutal com o emprego de tortura e assassinatos. De outro lado, nessa época a psicanálise tornou-se moda para aqueles que podiam dar-se ao luxo. Havia, porém, alguns psicanalistas que não estavam mais a fim de se conformar com a

---

<sup>72</sup> O Instituto de Medicina Psicológica (IMP), a primeira sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro, fundada em 1953 por Iracy Doyle, não aceitou mais novos candidatos depois da sua morte, em 1956, até 1962. Nos anos 60, sob a direção de Horus Vital Brazil, apesar de ser relativamente liberal, nunca chegou a ter o reconhecimento das sociedades ligadas à IPA.

<sup>73</sup> Até o fim dos anos cinquenta a IPA não dava valor à terapia de grupo. (Siehe Sério, 1998, S. 286) Hoje em dia, contatos físicos e „desvios“ semelhantes da técnica clássica não são mais considerados um tabu absoluto por alguns psicanalistas da IPA.

<sup>74</sup> Conforme afirma seu marido num ensaio. (Kemper, 1958)

<sup>75</sup> “...como uma fúria...”. Trata-se de Laura Carneiro Leão, que me relatou a ocorrência numa entrevista em 12.11.1994.

situação, com o conservadorismo político e o desinteresse social das sociedades psicanalíticas. Entre estes, Kattrin Kemper. Ela não se limitou somente à crítica ao desinteresse social dos psicanalistas. Tornou-se ativa.

Já antes Werner Kemper costumava advertir os seus alunos e colegas de não pensar somente em ganhar dinheiro com a psicanálise. No final da década de 50, ele inaugurou um Departamento de Assistência Psicológica (DAP) na SPRJ destinado a atender pacientes menos abastados. Na sua inauguração, ele se referiu ao modelo da Policlínica de Berlim dos anos 20. Ele não conseguiu, porém, realizar o seu objetivo de tornar a policlínica uma parte central da SPRJ.<sup>76</sup> Kattrin Kemper tinha a mesma atitude. Ela começou seu engajamento social junto com seus alunos do “Círculo” e mais alguns colegas nos chamados “Encontros Psicodinâmicos”. Esses encontros, realizados semanalmente, constituíam uma tentativa de prestar ajuda psicanalítica em sessões públicas. O seu principal parceiro era o psicanalista Hélio Pellegrino, vinte anos mais jovem.

Hélio Pellegrino era nesse tempo uma figura proeminente na cena psicanalítica do Rio de Janeiro. Depois de formado em Medicina ele se tornou analisando de Iracy Doyle e depois de seu falecimento, continuou a sua análise com Kattrin Kemper. Mas ele não a seguiu mais tarde quando ela saiu da SPRJ e fundou o Círculo. Porém, a apoiou e admirou sempre. Pellegrino era psiquiatra, psicanalista, poeta e escritor e, sobretudo, uma pessoa cheia de temperamento, afetiva, brilhante e cheia de contradições. De um lado, era muito conservador, cristão, católico, e de outro, em muitos aspectos um intelectual de esquerda. Em 1969 esteve preso por dois meses por causa de seus artigos críticos publicados em jornal e escapou por pouco de uma pena de vários anos de prisão. Ele exigia como Kattrin Kemper o engajamento social da psicanálise. Havia também entre os dois pontos de concordância quanto a aspectos técnicos do tratamento psicanalítico.<sup>77</sup>

Participavam dos “Encontros” além de Kattrin Kemper e Hélio Pellegrino, numerosos ex-analisandos e colegas da primeira.<sup>78</sup> Os clientes, na maioria casais, apresentavam seus problemas diante de um público misto, de analistas e leigos de diversas profissões interessados em análise. Geralmente se tratava de problemas relacionados à educação dos filhos. Kattrin Kemper ou Hélio Pellegrino ou os dois juntos moderavam o debate às vezes acirrado com os clientes e tentavam ao longo de cerca de duas horas examinar cada caso sob o ponto de vista da psicanálise. Os encontros tinham bastante sucesso junto ao público. Participavam uma média de oitenta a cento e vinte pessoas. Mas depois de um certo tempo seus

---

<sup>76</sup> Vide “Correio da Manhã” de 13.01.1959: “Psicanálise não é privilégio das pessoas mais abastadas. A Sociedade Psicanalítica abre consultório para os mais pobres”. Vide também Sérgio, 1998, pg.276-291. O próprio Kemper tinha um alto nível de vida no tempo em que viveu no Brasil. Mas não chegou a ficar rico.

<sup>77</sup> Vide “Hélio Pellegrino” in Roudinesco, 1997(2000).

<sup>78</sup> Entre os psicanalistas que participavam dos “Encontros Psicodinâmicos” e que pertenciam ao círculo mais estreito de seguidores de Kattrin Kemper, pelo menos durante um certo tempo, contam-se os irmãos Edson e Carlos Lannes, Carlos Byington, João Batista Ferreira, Francisco Antonio Dória e Chaim Samuel Katz.

organizadores atingiram o limite do possível para tratar problemas de ordem privada em público. E buscaram outras possibilidades para o engajamento social da psicanálise.

Em 1973, Kattrin Kemper funda junto com Hélio Pellegrino e mais vinte colegas, a maioria do “Círculo”, a “Clínica Social de Psicanálise”. Foram organizados diferentes cursos em colaboração com psicólogos, artistas e assistentes sociais e programados novos “Encontros Psicodinâmicos”.<sup>79</sup> E, sobretudo, foram oferecidas terapias de grupo de orientação psicanalítica e terapias individuais para casos especiais. O financiamento das terapias provinha essencialmente do trabalho gratuito dos psicanalistas. Todos os cerca de trinta psicanalistas que colaboravam na iniciativa, atendiam duas horas por semana na clínica sem receber honorários. A procura dos pacientes foi enorme. Todavia esse engajamento social dos psicanalistas atingia pouco a população mais pobre. Mais a classe média mais baixa, freqüentemente estudantes que também não se podiam dar ao luxo de uma terapia psicanalítica. Eles possuíam, no entanto, condições mais favoráveis ao processo psicanalítico. Além disso, o fato da clínica se localizar em Copacabana, um bairro da classe média, favorecia também isso. E também porque os problemas psíquicos das populações mais pobres, em geral não podiam ser solucionados sem a melhoria material das suas condições de vida.

A “Clínica Social de Psicanálise” era um aborrecimento para as sociedades ligadas a IPA. Na situação política de então, elas receavam que a psicanálise, em vista dessa forma de democratização, na qual participavam alguns membros seus, poderia parecer suspeita aos militares e que a psicanálise mesma acabasse sendo suspeita de conspiração democrática. As sociedades viam nisso uma politização inadequada da psicanálise. Na visão delas, a sua adaptação submissa à ditadura militar era uma postura apolítica. A SPRJ exige então a mudança do nome da clínica, porque ela estaria usando indevidamente o nome da Psicanálise e não seria representativa da verdadeira e legítima Psicanálise. Porém a tentativa de mudar-se o seu nome para “Clínica Social de Psicoterapia” resultou em vão.

Na metade dos anos 70, Hélio Pellegrino desligou-se da Clínica Social. Ele continuou a se bater, de uma outra maneira, por uma psicanálise democrática e social.<sup>80</sup> Após o falecimento de Kattrin Kemper, a clínica passou a se chamar “Clínica Social de Psicanálise Ana Katarina Kemper”. Apesar do entusiasmo do engajamento dos primeiros anos diminuir sensivelmente e dos seus permanentes problemas financeiros, a Clínica Social sobreviveu 19 anos. Durante esses anos, milhares de pacientes encontraram nela ajuda.

---

<sup>79</sup> Vide “Jornal do Brasil” de 28.08.1973 e “Visão” de 24.12.1973.

<sup>80</sup> Note-se nesse contexto seu papel no esclarecimento do “caso Lobo”. Vide em alemão Füchtner, 1984.

## Avaliações

É evidente porque Kattrin Kemper é uma figura tão polêmica na História da Psicanálise no Rio de Janeiro. Os comprovados artifícios que usou para alcançar o seu objetivo de tornar-se psicanalista no Brasil não deixam de ser problemáticos. De outro lado, obviamente ela deve ter tido grande talento como terapeuta. Alguns de seus analisandos didatas, que, por sua vez, se tornaram psicanalistas renomados, testemunham a qualidade de suas análises.<sup>81</sup> Todavia não é surpreendente que ela tenha sido alvo de muitas críticas na polarização entre seus adeptos e adversários. E que ao mesmo tempo tenha sido muito elogiada em vista de seu sucesso como terapeuta e de seu papel histórico na Psicanálise no Rio de Janeiro. E que muitos de seus antigos analisandos e pacientes lhe permaneçam leais e fiéis admiradores. É notório, no entanto, o fato de alguns deles a reverenciarem de uma maneira passional e se identificarem totalmente com ela. Pode haver várias razões. Eventualmente o fato de seu estilo psicanalítico e terapêutico não ortodoxo de trabalhar não permitir que as relações de transferência pudessem ser trabalhadas sistematicamente e dissolvidas. Já cedo, com a experiência de seus primeiros sucessos terapêuticos, Kattrin Kemper ficou convencida que sua sina era tornar-se psicanalista. Em suas apresentações públicas, ela sempre passou uma imagem fictícia de si. Nos artigos de jornais sobre ela e nas entrevistas feitas com ela, o conteúdo é quase sempre o mesmo com pequenas variantes. De acordo com essa imagem, ela teria feito a sua formação na “Sociedade Psicanalítica Alemã” (DPG) e seu grande mentor e didata teria sido o psicanalista alemão Schultz-Hencke. Ela se via como freudiana, mas era em favor do intercâmbio científico entre as diferentes escolas. Ela polemizava contra os psicanalistas ortodoxos. E era decididamente a favor da análise conduzida por leigos, desde que possuíssem formação acadêmica e uma rigorosa formação teórica. Ela sempre narrava o caso da pequena Maria e o que aprendera com essa experiência terapêutica. O registro de sua vida privada é restrito. Releva, sobretudo, o seu amor pela natureza (amava orquídeas em particular e cultivava) e por cães.

Nádia Maria Sérgio tentou fazer um retrato de Kattrin Kemper com base numa série de entrevistas feitas com seus antigos alunos e colegas. (Sérgio, 1998, pg.334 ff.) Ela é descrita conforme as impressões dos mesmos como uma mulher bonita, alta e de figura dominante.<sup>82</sup> Até o fim de sua vida, falava português com sotaque de alemã muito forte e expressava-se às vezes de forma drástica e não fina. Ao mesmo tempo, sua maneira simples e direta de se comunicar, que talvez tenha a ver com o fato dela ser proveniente de uma classe baixa na Alemanha, devia despertar confiança nas pessoas.

---

<sup>81</sup> Kattrin Kemper realizou um total de 12 análises didáticas e 18 supervisões na SPRJ. (Sérgio, 1998). Anexo: Análises didáticas e Supervisões realizadas até 1981. Dentre os mais conhecidos psicanalistas que foram seus analisandos, contam-se os já mencionados Hélio Pellegrino, os irmãos Edson e Carlos Lannes, Carlos Byington, João Batista Ferreira, Francisco Antonio Dória, Carlos Mauro Bianchi, Sérgio Luiz F. e Lacerda, Giovanni Gangemi.

<sup>82</sup> Kattrin Kemper tinha 1,72 - 1,74 de altura (as indicações variam), cabelos louros e olhos azuis.

Assim, Kattrin Kemper teve mais facilidade do que o marido em lidar com os brasileiros “de mentalidade extremamente diferente” (Werner Kemper). Os brasileiros são exemplificados por não considerarem sempre as coisas de maneira exata e por diante de uma dificuldade aparentemente intransponível, conseguirem dar o famoso “jeitinho”, com o qual o problema ou é resolvido ou pode ser contornado. Em várias entrevistas, Kattrin Kemper foi caracterizada como espontânea, cheia de temperamento, passional, criativa, absolutamente íntegra e até revolucionária. Mas também polêmica e como alguém que não recuava diante de conflitos. Publicou poucos trabalhos, como quase todos os colegas brasileiros de sua época.<sup>83</sup>

Para uma avaliação da carreira “atípica” de Kattrin Kemper, devem ser consideradas as condições institucionais especiais de sua época. Certas ocorrências no tempo das fundações das primeiras sociedades psicanalíticas, mais tarde não teriam sido mais possível. O apoio maciço que as duas sociedades psicanalíticas alemãs concederam a Kattrin Kemper para que ela alcançasse o seu objetivo profissional no Brasil, talvez deva ser considerado também no contexto das condições dos primeiros anos do Pós-Guerra em Berlim. Muitas mulheres da geração de Kattrin Kemper tiveram então a chance de se tornar psicanalistas com uma formação reduzida, com a qual alguns anos mais tarde não teriam mais podido ser. (Ludwig-Körner,1998).<sup>84</sup>

A questão se a atuação de Kattrin Kemper foi útil ou não ao prestígio da Psicanálise no Rio de Janeiro deve ser respondida provavelmente a seu favor. Os conflitos causados por ela, repercutiram até na década de 80.<sup>85</sup> A meu ver, sua indomável ambição profissional prejudicou mais ao seu marido. Ele se expôs na sua credibilidade em sua defesa de uma tal maneira, que sem um conhecimento maior da relação do casal, resta incompreensível. <sup>86</sup> É uma ironia, portanto, na história do casal Kemper, que Kattrin Kemper acabou reverenciada como “a grande dama da Psicanálise” e até como “quem teria trazido a psicanálise para o Rio de Janeiro”, enquanto que Werner Kemper, que sob muito esforço fundou a primeira sociedade psicanalítica ligada a IPA no Rio de Janeiro, ao retornar para a Alemanha sua despedida passou despercebida, sem uma manifestação sequer de reconhecimento à sua pessoa.<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> Pude conferir 20 ensaios, sem contar as traduções.

<sup>84</sup> É possível que o apoio de Berlim dado a Kattrin Kemper tenha tido a ver também com uma certa atitude de menosprezo para com o Brasil, então um país muito distante e subdesenvolvido. Assim condições que não eram válidas para a Alemanha podiam ser aceitas para o Brasil.

<sup>85</sup> Em 1986, o psicanalista Leão Cabernite apresentou um telegrama do então Presidente da DPV, Dieter Ohlmeier, que confirmava que Kattrin Kemper nunca fora membro da mesma.

<sup>86</sup> As informações recebidas nesse sentido não são verificáveis. Porém elas levam à pergunta, por que razão o casal não teria se separado muito mais cedo, eventualmente antes da viagem para o Brasil? Pelo que parece, Werner Kemper não teria se exposto tanto em defesa de sua mulher por amor absoluto.

<sup>87</sup> Ele foi utilizado inclusive como “bode expiatório” em relação a conflitos que surgiram mais tarde. O escândalo do “caso Lobo” de tortura durante a ditadura militar, que envolvia um analisando em formação, foi interpretado como uma posterior conseqüência danosa da influência de Werner Kemper, suspeito de ter sido nazista na Alemanha. (Vide

## Bibliografia

- Füchtner, H. (1984): Traurige Psychotropen? In: *Psyche*, Bd. 7/1984, 605-626.
- Füchtner, H. (2002): Wuchernde Psychoanalyse. Die brasilianische Psychoanalyse in der Krise. In: *Werkblatt*, Nr. 49 2/2002, 63-87.
- Füchtner, H. (2003): Psychoanalytiker, Mitläufer, Nazi, Gestapomann, militanter Marxist? Der Fall Werner Kemper. In: *Jahrbuch der Psychoanalyse*, Bd. 46, Mai 2003, S. 137-191.
- Füchtner, H. (2006): Theon Spanudis und Solon Spanoudis. Zwei griechische Analysanden August Aichhorns in Brasilien. In: *Werkblatt*, Bd. Nr. 57, 2 / 2006, 82-106.
- Kemper, A. K. (1952): Angstsymptome, Erziehungs- und Schulschwierigkeiten bei einem 9jährigen Jungen. I (Verlauf einer analytischen Psychotherapie). In: *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, Heft 5/6 1952, 141-149.
- Kemper, A. K. (1952): Angstsymptome, Erziehungs- und Schulschwierigkeiten bei einem 9jährigen Jungen. II (Verlauf einer analytischen Psychotherapie). Schluß. In: *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, Heft 7 1952, 180-189.
- Kemper, A. K. (1954): Kurztherapie eines Falles von chronifiziertem Asthma bronchiale I. In: *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, Bd. 5/6 1954, 125-129.
- Kemper, A. K. (1954): Kurztherapie eines Falles von chronifiziertem Asthma bronchiale II. In: *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, Bd. 7 / 1954, 167-173.
- Kemper, A. K. (1955a): Psychosomatische Reaktion aufgrund prägenitaler Mechanismen bei akuter Sexualproblematik. Ausschnitt aus einer fortgeschrittenen Analyse. In: *Zeitschrift für Psycho-somatische Medizin*, Bd. 1 / 1955, 47-51.
- Kemper, A. K. (1955b): Widerspiegelung einer Kinderkurztherapie in der Scenodarstellung. In: *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, Bd. 4 / 1955, 85-90.
- Kemper, A. K. (1962): Reações de caráter arcaico no grupo, desencadeadas por vivências de abandono, seus reflexos na análise individual. Conferência na II Jornada Brasileira de psicoterapia de grupo. São Paulo.

---

Füchtner, 2003) Também a IPA, que representou um papel não muito louvável na História da Psicanálise no Brasil, deu-lhe ainda um pontapé *post mortem*, adotando inclusive as acusações não comprovadas contra ele, chegando a lamentar tê-lo enviado para o Rio de Janeiro. (Vide Etchegoyen, H.R.: Statement of the Executive Council of the International Psychoanalytical Association, London, 11.08.1996) Além disso, a IPA até admite que no relatório do Ad Hoc Committee de 1962 tivesse aceito Kattrin Kemper como analista didata, mas pretende que também teria indicado que “ esta pessoa não possui conhecimentos verdadeiros do procedimento psicanalítico (“...that this person had in fact no real knowledge of analytical procedure.”). Como expliquei acima, na verdade o relatório de 1962 indica que Kattrin Kemper foi aceita como didata, porque sua formação estaria em ordem. Os erros que ela cometera não seriam uma razão para desqualificá-la como analista. Quanto a SPRJ, só o nome da biblioteca lembra ainda Werner Kemper. Seu retrato foi retirado.

- Kemper, A. K. (1964): Anotações sobre a determinação pregenital da perversão. In: V Congresso psicanalítico Latino-Americano, México.
- Kemper, A. K. (1964): Risos espontâneos como expressão do contato emotivo. In: Revista de Psiquiatria Dinâmica, 1964, 115-118.
- Kemper, A. K. (1964) (1969): Mecanismos e avaliação da cura em psicoterapia de grupo - Relatório oficial IV Congresso Latino Americano de Psicoterapia de Grupo. Porto Alegre Outubro 1964. In: Estudos de Psicanálise, Bd. 1 / 1969, 19-23
- Kemper, A. K. (1965): L'interprétation par allusion. In: Revue Française de psychanalyse, Bd. Vol. XXIX Nr. 1 1965.
- Kemper, A. K. (1965)(1970): A Interpretação por alusão. In: Estudos de Psicanálise, Nr. 3 1970, 24-47.
- Kemper, A. K. (1966): El significado del contacto epidérmico em relación con el primer objeto. In: Revista Uruguaya de Psicoanálisis, Vol. VIII / 3 / 1966, 289-302.
- Kemper, A. K. (1969): Relatório da Sociedade de Grupoterapia analítica do Rio de Janeiro.
- Kemper, A. K. (1970): Diferentes Formas do Silêncio na Psicoterapia de Grupo. In: Estudos de Psicanálise, Nr. 4 1970, 53-60.
- Kemper, A. K. (1971a): Quanto à idealização. Sua determinação primaria. In: Estudos de Psicanálise, Nr. 5 1971, 40-48.
- Kemper, A. K. (1971b) *Quanto a Modificações da Técnica Psicanalítica. Relatório Principal no I Encontro do Circulo Brasileiro de Psicologia Profunda*. Paper presented at the I Encontro do Circulo Brasileiro de Psicologia Profunda, Belo Horizonte.
- Kemper, A. K.(1972).Introdução a algumas correntes do pensamento psicanalítico. II Jornada Brasileira de Psicanálise Maio de 1968. Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- Kemper, A. K. (1973): Reações contra-transferenciais de influência decisiva para a comunicação verbal num caso de mutismo de uma criança de 3 a 4 anos. In: Estudos de Psicanálise, Nr.6 1973, 21-32.
- Kemper, A. K. (1973)(1975a): Quanto a Agressão - seus Aspectos Onto- e Filogenéticos, suas Manifestações no Processo Psicanalítico. In: Estudos de Psicanálise, Nr. 7 1975, 39-49.
- Kemper, A. K. (1973) (1975b): Quanto á Importância do Desenvolvimento Motor da Criança Pequena. Consideração Específica Sobre a Época do Engatinhar. In: Estudos de Psicanálise, Nr. 7 1975, 29-38.
- Kemper, A. K.; Chebabi, W. d. L.; Lannes, C. A. (1968). *Quanto à função terapêutica da regressão no progresso analítico*. Paper presented at the II Jornada Brasileira de Psicanálise Maio de 1968, Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- Kemper, J. (1988): Brief an die Psychoanalytische Gesellschaft von Rio de Janeiro. In: Psyche, Vol. 11 / 1988, 1016-1020.
- Kemper, W. W. (1958): Zum I. Lateinamerikanischen Kongress für Gruppen-Psychotherapie (24.-28.09.1957 Buenos Aires). In: Psyche, Vol. 11 /1958, 716-720.
- Kemper, W. W. (1973): Selbstdarstellung. In: Pongratz, L. (Hg.): Psychotherapie in Selbstdarstellungen. Bern, Stuttgart, Wien. Huber.
- Ludwig-Körner, C. (Hg.)(1998): Wiederentdeckt - Psychoanalytikerinnen in Berlin. Auf den Spuren vergessener Generationen. Gießen: Psychosozial.
- Novaes, W. (1978) Um tributo final. *O Globo*, 19.07.78.



- Pires, P. R.(1998): Hélio Pellegrino. Rio de Janeiro (Relume Dumará).
- Roudinesco, E.; Plon, M. (Hg.)(1997 / 2000): Dictionnaire de la Psychanalyse. Paris: Fayard.
- Sabino, F. (1973) Visita a Catarina, a Grande. *Jornal do Brasil*. 10.12.1973.
- Sério, N. M. F. (1998): Reconstruindo "farrapos". A trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Niterói (Tese de doutoramento. UFF).
- Thomä, H. (1963): Die Neo-Psychoanalyse Schultz-Henckes. Eine historische und kritische Betrachtung. In: *Psyche*, Vol. 17 / 1963, 44-80 und 81-128.
- Vianna, H. C. B. (1988): Psychoanalyse und Politik in Brasilien. In: *Psyche*, Vol. 11 / 1988, 997-1015.